

O Apostolado e as Epístolas de Paulo

ΥΙΟΣ ΕΡΙΚΑΝΙ ΚΛΙΜΑΘ
ΘΛΗΝΙΑΣ
ΥΙΟΣ ΣΜΑΧΑΚΛΙ Ιωβίνης
ΥΙΟΣ ΣΤΑΜΟΥ ΥΕΙΔΙΑ
ΚΟΣΙΟΙ ΟΓΛΟΗ ΚΟ
ΤΑΤΕ ΕΣ ΣΑΡΕΣ:
ΚΛΙΟΙ ΠΥΛΩΡΟΙ ΛΚΥ
ΤΕΛΛΑΜ ΕΙΝ· ΚΛΙΟΙΑ
ΛΕΛΦΟΙ ΔΥΤΩΝ· Ε

John Gifford Bellett

O Apostolado e as Epístolas de Paulo

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:

Paul's Apostleship and Epistles – J. G. Bellett
Primeira edição em português – janeiro de 2026

Originalmente publicado por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101
Estados Unidos da América

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994
ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995
ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993
TB – Tradução Brasileira – 1917
AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967
JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby
KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ACF, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

O Apostolado e as Epístolas de Paulo

J. G. Bellett

Prefácio

Alguns dos textos aqui reunidos apareceram em diversas revistas e como livretos avulsos há muitos anos. Outros são “anotações” de leituras bíblicas, feitas por aqueles que as compartilharam e que foram repassadas para uso neste volume. Foram muito valorizados e serviram de bênção para os leitores crentes de uma geração passada, e as verdades neles apresentadas são de valor permanente para o povo de Deus dos dias atuais. Os tratamentos dispensacionais de Deus entre os homens, as variadas ações de Sua mão em meio ao pecado e à miséria humana, o presente chamado, para fora deste mundo, de um povo para o Seu Filho, por meio do evangelho pregado entre todas as nações sob o Espírito Santo enviado do céu, o caráter celestial, a posição, as possessões e as esperanças da Igreja, sua união com Cristo, a Cabeça glorificada, e sua separação do mundo, são grandes e gloriosas revelações aos santos desta dispensação, as quais, quando recebidas como a própria Palavra de Deus e permitidas operar eficazmente na alma, formando a mente e governando os caminhos dos santos, trazem bênçãos sem medida à vida e dão força e caráter ao testemunho de Deus e de Cristo entre os homens. É com o sincero desejo de que essas verdades sejam mais amplamente conhecidas e suas bênçãos mais plenamente compartilhadas que elas são aqui reproduzidas, tal como fluíram dos lábios e da pena do falecido servo do Senhor, a quem foi dada a graça de ministrá-las com tanta simplicidade e doçura.

O Editor

Os Atos dos Apóstolos

O livro dos **"Atos dos Apóstolos"** é, na verdade, o livro dos atos de Pedro e Paulo, o apóstolo da circuncisão e o apóstolo dos gentios. Nos eventos registrados na parte que nos apresenta o ministério de Pedro (isto é, os capítulos 1 a 12), creio que podemos discernir uma ordem e um significado que nos preparam para os propósitos futuros do Senhor entre os gentios, por meio do ministério subsequente de Paulo. Assim, irei mencionar e interpretar brevemente esses eventos.

Atos 1

Enquanto aguardavam, conforme o mandamento, pelo poder prometido vindo do alto, os discípulos, sob a liderança de Pedro (constituído chefe no ministério Judaico, Lucas 22:32; João 21:16), confiaram ao Senhor a tarefa de preencher o bispado vago de Judas. Isso era necessário, como observarei mais detalhadamente adiante, para que a ordem Judaica dos doze apóstolos se mantivesse plena e completa; e que isso foi feito com o pleno entendimento da mente de Deus fica evidente pelo fato de o Senhor parecer assumir imediatamente aquilo que Seus servos Lhe confiam, pois Ele honra as sortes que foram lançadas (a forma Judaica de revelar a vontade divina em tais assuntos, 1 Crônicas 24:5; Números 26:55; Josué 19:10), e Matias é contado entre os onze apóstolos; e o Espírito Santo, no capítulo seguinte, parece confirmar Matias em seu novo ofício, vindo sobre ele igualmente, sem qualquer repreensão.

Atos 2-7

Estando assim completado o número, o Espírito Santo é concedido conforme a promessa; e Pedro, mais uma vez, assume a liderança e prega Jesus ressuscitado aos Judeus. A inimizade dos Judeus, porém, se instala e se intensifica ao longo destes capítulos, aumentando gradualmente, assim como havia

acontecido antes contra o Senhor. Os apóstolos, contudo, como seu Senhor, prosseguem com seu destemido testemunho; grande graça está sobre todos – a santa disciplina os mantém puros – e com grande poder os apóstolos dão testemunho da ressurreição. Mas, assim como a inimizade agiu contra o Senhor até que o crucificaram, agora age contra os apóstolos, até que atacam Estêvão e o apedrejam. E assim como os céus receberam o Crucificado, também se abrem para o Seu companheiro de sofrimento e testemunha. E nele a Igreja recebe uma garantia viva de que a glória celestial era para ela, assim como para o seu Senhor, pois o mundo agora rejeitava ambos.

Atos 8

Sendo assim, Jerusalém já não podia mais receber a aprovação de Deus, pois havia declarado plenamente o seu pecado e, por um tempo, deveria ser lançada fora de Sua vista. Os discípulos, portanto, são agora dispersos de Jerusalém, e a ordem Judaica é perturbada: dando-nos este capítulo os atos de alguém que não havia sido enviado, nem como procedente de Jerusalém, nem tampouco pelos apóstolos. Filipe sai – e primeiro prega Cristo em Samaria, e depois é enviado pelo Espírito “**para Gaza, que está deserta**”, para trazer de volta ao aprisco uma ovelha perdida que ainda estava desgarrada ali, mas que era conhecida por Deus antes da fundação do mundo. Mas logo em seguida, ele é levado pelo Espírito a Azoto (o lugar próximo ao deserto onde homens e mulheres podiam ser encontrados), para que pudesse proclamar ali, e em todos os outros lugares, a graça que diz: “**e quem quiser, tome de graça da água da vida**”. Assim, por sua missão a Gaza e, em seguida, por seu arrebatamento a Azoto, o ministério de Filipe simboliza a soberania e a *universalidade* daquela graça que o Senhor iria proclamar.

Atos 9

Os canais para que a vida e o poder que emanam do Filho de Deus fluíssem entre os gentios estavam agora plenamente abertos; pois os *Judeus*, os *samaritanos* e os *prosélitos* haviam

sido chamados. Tudo estava pronto para a colheita das primícias dos gentios. Mas antes que isso acontecesse, e o juízo presente sobre Israel fosse assim selado publicamente, o Senhor concede, na conversão de Saulo de Tarso, um sinal da futura conversão de Israel (veja 1 Timóteo 1:16) – um exemplo, sem dúvida, daquela longanimidade que salva todo pecador. Mas Israel é destinado a se tornar a grande testemunha final dessa longanimidade, e é principalmente para Israel que este sinal se dirige; e, portanto, tudo o que acompanha este grande evento é uma prefiguração das coisas que, mais tarde, marcarão e acompanharão o arrependimento de Israel. O fato de Saulo olhar para Aquele a Quem ele traspassara – o fato de ter ficado confinado por três dias sem ver, sem ter comido nem bebido – a remoção desse juízo e o seu batismo, tudo isso nos mostra a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém olhando para Aquele a Quem eles traspassaram e lamentando, cada família à parte, e suas esposas à parte, e então experimentando as virtudes da fonte purificadora aberta para o seu pecado e para a sua impureza. Jerusalém será então a testemunha emblemática da graça soberana, como Saulo o é agora (Zacarias 12 e 13). E, como prova adicional desse caráter místico da conversão de Saulo, podemos observar que ele mesmo nos diz que obteve misericórdia *porque agiu por ignorância e incredulidade*; e este é o próprio fundamento da misericórdia final para Israel; como o Senhor orou por eles: “**Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem**” (veja também Atos 3:17).

Atos 10-11

Tendo-lhes sido assim deixada a promessa da futura conversão de Israel, a proclamação do juízo presente sobre eles é feita pelo chamado, dentre os gentios, de um povo para Deus. Isso se dá pelo ministério do apóstolo da circuncisão; e de forma muito apropriada. Pois ele havia recebido as chaves do reino dos céus e era também o representante de Jerusalém, “**a qual é mãe de todos nós**” (embora infiel e, como tal, afastada por um tempo). Mas, sendo assim reconhecido o título de Pedro para isso, como

representante de Jerusalém, encontramos uma igreja de gentios reunida em Antioquia por outras mãos, e Barnabé e Saulo, em vez de Pedro, chamados para ajudá-la e confortá-la.

Atos 12

E agora o Senhor só precisava, publicamente, rejeitar Jerusalém por um tempo. Mas, assim como Ele havia prometido a futura *conversão de Israel*, Ele agora, a meu ver, promete a eles a sua futura *restauração*. Confesso que este capítulo tem grande beleza e significado, apresentando tanto as tristezas quanto a libertação do remanescente no último dia, e a completa e devastadora derrota de seus inimigos. Tiago é morto à espada, pois, dali em diante, em Jerusalém, a queixa será esta: **“Derramaram o sangue deles como a água ao redor de Jerusalém”** (Salmo 79:2-3). Pedro também, a esperança da circuncisão, é lançado na prisão, e o inimigo, assim, praticamente prevalece contra o Israel de Deus.

Atos 12 - Promessas da restauração de Israel

Mas o caso dele não deveria ir mais adiante, pois Pedro deveria aparecer como prisioneiro do Senhor, e não de Herodes. Ele dorme entre os que o guardavam. Ele jaz ali como “prisioneiro da esperança”. O inimigo é forte e poderoso, e o remanescente não tem alívio senão em Deus. Mas isso basta. Eles oram incessantemente por ele, até que, finalmente, este prisioneiro do Senhor é libertado da cova, assim como Israel será no último dia (Zacarias caps. 9, 11 e 12). No início, ele era como alguém que sonhava, pensando estar tendo uma visão; e assim também os seus companheiros, dizendo: **“É o seu anjo”**. Mas assim será Israel depois. Eles cantarão: **“Quando o SENHOR trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham”**. Mas, no gozo repentino do coração, eles terão que acrescentar: **“Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cântico”**; como Pedro, voltando a si, diz: **“Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o Seu anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que o povo dos Judeus esperava”**.

Tudo isso me parece doce e surpreendentemente significativo. Mas o sinal não termina aqui. Em trajes reais, Herodes senta-se em seu trono, tendo julgado conveniente estar profundamente descontente, como se a vingança lhe pertencesse. Ele faz um discurso ao povo, e eles o aclamam, dizendo: “**É voz de um deus e não de um homem**” (TB). Assim, ele toma para si mesmo a glória que era de Deus, e imediatamente o anjo do Senhor o feriu, “**e, comido de vermes, expirou**” (ARA). Assim também o iníquo se exaltará acima de todos e se assentará no monte da congregação, nos lados do norte, dizendo: “**serei semelhante ao Altíssimo**”. Ele fará “**conforme a sua vontade**”; mas chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará. “**Assim, ó SENHOR, pereçam todos os teus inimigos! Porém os que te amam sejam como o Sol quando sai na sua força**”.

Assim, a misericórdia final é prometida a Israel. Sob esses sinais de sua *conversão e restauração*, e da derrota de seus inimigos, eles agora se encontram prisioneiros da esperança. O próprio Senhor lhes dá um sinal e, em seguida, esconde deles o Seu rosto; segue o Seu caminho por um tempo e deixa o Seu santuário. Tudo isso nos prepara para um ministério além das fronteiras de Israel; e, consequentemente, na abertura do próximo capítulo, encontramos a Palavra enviada aos gentios, Jerusalém como fonte de graça e ministério é esquecida, e os nomes de Judeu e gentio são deixados sem distinção.

Julgo ser assim o curso e o significado dos eventos que ocorreram durante o ministério da circuncisão, sob a liderança de Pedro, conforme registrados nestes capítulos.¹ Qual era a natureza do próprio ministério? Quais eram as esperanças que ele transmitia a Israel? E qual era o chamado que ele fazia a Israel? Descobriremos, em resposta a essas perguntas, *que os apóstolos falaram das próprias esperanças nacionais de Israel, chamando-os ao arrependimento para que pudesse alcançá-las e serem abençoados na Terra*. Eles declararam o pecado de Israel ao crucificar o Príncipe da Vida; a aceitação de Deus desse

Crucificado e, mediante o arrependimento, a remissão dos pecados de Israel e o cumprimento de suas esperanças.

Atos 2-3 - Um testemunho para Israel

Assim, no sermão de Pedro no segundo capítulo, seu testemunho a Israel foi este: que a *ressurreição* assegurou as promessas feitas ao trono de Davi; que a *ascensão* era a fonte do Espírito Santo concedido; que Jesus permaneceria no lugar ascendido até que Seus inimigos fossem feitos escabelo dos Seus pés; e sobre tudo isso ele chama Israel ao arrependimento. Mas ele nada diz sobre a Igreja ascender após a sua Cabeça e a consequente glória celestial dela. Portanto, no terceiro capítulo (depois que ele e João reconheceram a casa de Deus em Jerusalém), em sua pregação, Pedro chama Israel ao arrependimento para que viessem “**os tempos do refrigério pela presença do Senhor**”, quando Jesus retornaria a eles e todas as coisas prometidas por Moisés e pelos profetas se cumpririam. Mas tudo isso, da mesma forma, era um testemunho das esperanças de Israel e da Terra, e não um testemunho da glória celestial. Era uma publicação dos atos e promessas do Deus de Abraão, Isaque e Jacó aos filhos dos profetas e aos filhos da aliança. Assim, no capítulo 5, encontramos isto: “**a este elevou Deus com a Sua destra a Príncipe e Salvador, para dar arrependimento a Israel e remissão de pecados**” (TB) – palavras que demonstram, de modo muito claro, o valor que o Espírito Santo, em Pedro, atribuiu à ressurreição do Senhor, aplicando-a exclusivamente a Israel como nação de Deus.

E como fruto próprio desta pregação e destas esperanças, encontramos na conduta e prática dos santos o seguinte: demonstram uma bela ordem e graça na administração de suas possessões terrenais; alcançavam favor de todo o povo, como Jesus o teve em Sua infância em Nazaré; eles perseveraram diariamente no templo, como se não soubessem quão breve o Senhor poderia retornar ao templo; e curam todas as doenças entre o povo, como o Senhor fizera quando caminhava pelas cidades e aldeias da Judeia. Mas além de tudo isso, por mais

perfeito que tudo isso fosse a seu tempo, ainda havia algo a mais. A Igreja ainda precisava assumir com Jesus seu caráter de rejeitada pela Terra e daquela que rejeita a Terra. A cidadania celestial, a morte quanto à Terra e a vida escondida com Cristo em Deus; o olhar voltado para as coisas que estão dentro do véu, seguindo após o glorioso Precursor, eram ainda coisas grandes e novas a serem tiradas do tesouro. Nem o testemunho de Pedro, nem a conduta da Igreja, eram tais que as manifestassem. A glória dentro do véu começa a transparecer quando o rosto de Estêvão resplandece como o de um anjo. E isso também foi belo a seu tempo, pois Estêvão logo se tornaria a primeira testemunha do chamado celestial. O martírio era o fundamento necessário para a plena manifestação desse chamado. Os apóstolos podem ter sofrido afronta, açoites e prisões, mas ainda havia espaço para o arrependimento de Israel, assim como houve durante o ministério do Senhor (embora Ele, da mesma forma, tenha sofrido afronta e rejeição), até Sua última visita a Jerusalém. A cruz, porém, havia fechado a Terra para o Senhor; e o martírio de Estêvão agora fecha a Terra para a Igreja; e uma terrível separação, por um tempo, se estabeleceu entre todos os que pertencem ao Senhor e este presente mundo (século) mau.

Assim, até essa morte deste santo após a ressurreição, não havia chegado o tempo para a revelação disso (a vocação celestial da Igreja) do tesouro dos conselhos divinos. Figuras e outras indicações a respeito disso já existiam desde o princípio. Nosso Senhor havia dado a visão disso no monte santo, mas era obscura aos olhos até mesmo dos apóstolos. Ele aludiu às "coisas celestiais" das quais somente o Filho do Homem poderia falar (João 3:12), mas elas não foram percebidas. O "**um pouco de tempo**" até Sua ida para habitar com o Pai era tão estranho aos discípulos quanto era aos Judeus. Seu ministério acerca dessas coisas era para eles parábolas (João 16:25). E assim, nem mesmo a ascensão do Senhor, por si só, era fundamento suficiente para a manifestação dessa glória. Pois ela era necessária para que o Senhor formasse a Igreja Judaica, para uma cidadania piedosa na

Terra, sendo o Espírito Santo recebido por meio da ascensão, "para os rebeldes", isto é, para Israel, "**para que o SENHOR Deus habitasse entre eles**" – habitasse entre eles *aqui*. Mas, com o martírio de um crente no Senhor assim ressuscitado e ascendido, chegara plenamente o tempo da manifestação do chamado celestial, da revelação deste mistério: que Cristo teria um corpo que compartilharia com Ele em glória nas alturas para a qual Ele próprio ascendeu, cuja cidadania não seria em Jerusalém, mas no céu.

Na "**regeneração**", como diz o Senhor, isto é, no vindouro reino do Filho do Homem, haverá novamente um povo que encontrará o seu devido lugar na Terra – o Israel de Deus. E então os doze apóstolos se manifestarão em conexão com as doze tribos, e os santos com o mundo (veja Mt 19:28; 1 Co 6:2-3). Tudo isso será a glória e o gozo daquele tempo feliz, e o mais belo e perfeito em sua estação. O Filho do Homem assentado em Seu trono de glória – os apóstolos julgando as doze tribos – e os santos julgando o mundo. Os servos então participarão do reino do seu Senhor, tendo autoridade com Ele e sob Ele sobre as cidades do Seu domínio. Mas esse tempo está agora adiado, pois a Terra o rejeitou. Israel expulsou o herdeiro da vinha e matou os que lhe foram enviados (1 Ts 2:16). Outro testemunho agora estava prestes a ser proferido, um testemunho da perda das esperanças de Israel e da Terra no presente, e do chamado de um povo eleito da Terra para o céu. E Saulo, o perseguidor, isto é, Paulo, o apóstolo, foi designado como seu portador especial.

Atos 9 – A conversão de Paulo

E quão rica foi a graça demonstrada pelo Senhor ao escolher Saulo para ser o vaso desse tesouro celestial! Naquele exato momento, ele estava em plena inimizade contra Deus e Seu Ungido. Aos seus pés, as testemunhas, cujas mãos haviam sido as primeiras contra Estêvão, depuseram suas capas. Mas este é o homem que seria feito o vaso escolhido de Deus; e tal é o caminho do Senhor em abundante misericórdia. Antes disso, a

mais completa inimizade do homem havia sido enfrentada pelo mais completo amor de Deus; pois a cruz era, naquele mesmo instante, o testemunho de ambos, assim como a pessoa de Saulo é agora. “A lança do soldado”, como alguém já observou, “fez sair o sangue e a água – o pecado fez sair a graça”. E agora, como podemos dizer, a jornada de Saulo para Damasco foi a lança perfurando pela segunda vez o lado de Cristo; pois ele agora caminhava com a missão de matar o rebanho de Deus. Mas foi nessa jornada que a luz vinda do céu o deteve. Assim, o sangue de Jesus encontrou novamente a lança cruel do soldado, e Saulo é um exemplo de toda a Sua longanimidade.

A graça soberana que salva a Igreja foi assim manifestada em Saulo. Mas a glória celestial que está reservada à Igreja também lhe foi revelada, pois ele vê Jesus nela. E por meio dessas coisas, seu futuro ministério é formado.

Marcos 16:15 – Novos ministérios são chamados à luz

E aqui posso observar, em relação a isso, que nos momentos de convocação de novos ministérios, geralmente houve manifestações características de Cristo. Assim, quando Moisés foi chamado em Horebe, ele viu uma sarça ardente, mas que não se consumia, do meio da qual Jeová lhe falou. E o ministério que ele então recebeu foi, de acordo com essa visão, ir e libertar Israel da aflição do Egito, em meio à qual Deus estivera com eles, preservando-os apesar de tudo. Quando ele e o povo estavam depois sob o Sinai, o monte estava completamente envolto em fumaça, de modo que até mesmo Moisés ficou todo assombrado, e tremendo. Mas tudo isso aconteceu porque estava prestes a surgir dali aquela lei que o pobre homem caído jamais poderá cumprir e que, portanto, é apenas o ministério da morte e da condenação para ele, ainda que fosse alguém como o próprio Moisés. Quando Moisés se aproximou de Deus, interpondo-se entre Ele e o povo, ele recebeu (de acordo com a posição de mediador que ocupava) sua comissão de entregar, como

mediador nacional, as leis e os decretos do Rei. Mas quando, finalmente, ele sobe ao topo do monte, muito além da região do fogo terrível e do lugar intermediário que ocupava como mediador da nação, onde tudo era calmo e a presença do Senhor o envolvia, ele recebe os sinais da graça, as figuras de Cristo, o Salvador e Sacerdote, e dali é designado para ministrar a Israel, **"as sombras dos bens vindouros"**. Em tudo isso, vemos muito do que era expressivo do ministério que estava prestes a ser designado.

Então, posteriormente, embora de forma mais limitada, quando Josué estava prestes a receber a missão de cercar Jericó com homens de guerra, o Senhor lhe aparece como um Guerreiro com uma espada desembainhada na mão.

Quando Isaías foi chamado para ir como profeta de julgamento contra Israel, o Senhor foi visto em Seu templo com tamanha majestade terrível, que até os batentes da porta se moveram à Sua voz, e a casa se encheu de fumaça (Isaías 6).

Quando nosso Senhor estava na terra de Israel como Ministro da circuncisão, de acordo com esse lugar e caráter, Ele designou doze para irem às ovelhas perdidas da casa de Israel. Mas, após a ressurreição, quando Ele Se estabeleceu na Terra com um caráter maior, sendo então Seu todo o poder no céu e na Terra, Ele comissionou Seus apóstolos da seguinte forma: **"Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura"**. E assim agora, ascendido ao céu, e tendo recebido a Igreja para Si, Ele aparece a Saulo desde essa glória; e nele designa um ministério formado segundo o princípio dessa manifestação. O céu foi o berço do apostolado de Paulo; e, de acordo com isso, ele foi enviado para chamar para fora e elevar acima um povo da Terra para o céu.

Assim, a partir do lugar de onde partiu seu chamado para o ofício, nós, desde o princípio, poderíamos estar preparados para algo novo e celestial. Mas seu apostolado veio fora de tempo, bem como fora de lugar (1 Coríntios 15:8). Não só não veio de Jerusalém, como surgiu depois que o apostolado ali já havia sido

aperfeiçoado. O bispado perdido por Judas foi preenchido por Matias, e assim o corpo dos doze, conforme ordenado pelo Senhor no princípio, estava novamente completo; e o apostolado de Paulo é, portanto, algo que nasceu “**fora de tempo**” (ARA).

Mas, embora neste aspecto fosse “**fora de tempo**”, não o era em todos os outros aspectos. Os tempos e as estações que o Senhor escolheu para a revelação dos Seus desígnios são, sem dúvida, todos apropriados e corretamente ordenados; e tendo “**a mente de Cristo**” (a herança presente, pela graça, de todo homem espiritual), podemos procurar conhecer isso, lembrando-nos, antes de tudo, de a Quem pertencem os conselhos que estamos perscrutando e de como nos convém andar diante d’Ele com os pés descalços. Que Ele nos guarde, irmãos, trilhando assim o Seu caminho, e que a pressa dos inquisidores jamais nos afaste do lugar e da atitude de adoradores. Lembremo-nos de que é no Seu templo que devemos inquirir (Salmo 27:4).

Estágios sucessivos no Apocalipse

Assim como naquela época, para estes tempos e estações, observo que nosso Senhor marca estágios sucessivos no procedimento divino com Israel, quando Ele diz: “**A lei e os profetas duraram até João**”. Aqui Ele destaca três ministérios: a lei, os profetas e João. Mas estes se estenderam apenas até o próprio ministério de nosso Senhor e, portanto, agora, no avanço subsequente dos conselhos divinos, podemos acrescentar outros a estes.

A lei – Esta dispensação colocou Israel sob uma aliança que exigia obediência como condição para que permanecessem na terra e nas bênçãos que Jeová lhes havia concedido. Mas sabemos que eles a quebraram.

Os profetas – Após surgirem ofensas e transgressões, profetas foram levantados; entre outros serviços, para advertir e encorajar Israel a retornar Àquele de Quem eles e seus pais haviam se revoltado, para que pudesse recuperar seu lugar e bênção sob

a aliança. Mas Israel, como sabemos, rejeitou suas palavras, apedrejando alguns e matando outros.

João Batista é então levantado, não apenas como um dos profetas, para chamar Israel de volta à antiga aliança e à obediência que ela exigia, mas para ser o arauto de um reino que estava às portas, o precursor d'Aquele que viria com a bênção segura de Sua própria presença. Ele convocou o povo a estar preparado para o Messias. Mas eles decapitaram João.

O Senhor – Assim apresentado por João a Israel, o Senhor vem a público e, em consequência disso, oferece o reino em Sua própria Pessoa, e Israel é convocado a reconhecê-Lo e adorá-Lo. Mas sabemos que o Herdeiro da vinha foi rejeitado pelos lavradores. **“Os seus não O receberam”**. Os construtores rejeitaram a Pedra. Crucificaram o Príncipe da Vida; mas Deus O ressuscitou dos mortos e O fez assentar à Sua destra nos lugares celestiais.

Os doze apóstolos – Eles acompanharam nosso Senhor durante todo o tempo em que Ele esteve entre eles, desde o batismo de João até o dia em que foi elevado ao céu, e agora foram chamados (sendo revestidos do Espírito Santo) para serem testemunhas da ressurreição a Israel. E essas testemunhas dizem a Israel que os tempos de refriégio, os tempos de cumprimento de todas as boas promessas feitas a eles, aguardavam apenas o seu arrependimento; pois Jesus agora fora exaltado como Príncipe e Salvador para eles. E agora chegara a provação final de Israel. O que mais poderia ser feito além do que já havia sido feito? A transgressão contra o Filho do Homem havia sido perdoada, pelo menos, e o caminho de escape do julgamento que ela acarretara havia agora sido aberto a Israel pelo testemunho do Espírito Santo nos apóstolos; mas o que poderia trazer alívio, se esse testemunho fosse agora desprezado? (veja Mateus 12:32.) Mas o Espírito Santo é resistido, o testemunho dos doze é desprezado pelo martírio de Estêvão, e os tratamentos do Senhor com Israel e a Terra são, portanto, necessariamente interrompidos por um tempo.

O apostolado de Paulo

O apóstolo dos gentios então surge, repleto de mais tesouros da sabedoria divina, revelando propósitos que até então (enquanto Deus tratava com Israel e a Terra) estavam ocultos em Deus. Ele apresenta este testemunho: que Cristo e a Igreja são um; que o céu era a herança comum de ambos, e o evangelho que lhe foi confiado era o evangelho, como ele mesmo expressa, de “**Cristo em vós** (nós), **esperança da glória**”. Este evangelho ele agora tinha que pregar entre os gentios (Gálatas 1:16; Colossenses 1:28).

Assim, somos capacitados a ver a plenitude dos tempos em que os mistérios de Deus foram revelados. Sabemos que assim deve ser, pois Deus é Deus. Mas, por meio de Sua abundante sabedoria e prudência para conosco, Ele nos dá a graça de vislumbrar algo disso, para que possamos adorá-Lo, amá-Lo e ansiar pelo dia em que O veremos face a face e O conheceremos como somos conhecidos. Pois todos os Seus caminhos são formosos a seu tempo. Israel era o povo terrenal favorecido, e cabia a eles provar se a fonte seria aberta em Jerusalém, de onde regaria a Terra. Mas essa dívida de Israel já havia sido paga pelo ministério do Senhor, selada pelo ministério dos doze; e o discurso de Estêvão no capítulo 7 de Atos é a convicção de Deus quanto à rejeição de Israel, de todos os caminhos que o Seu amor havia trilhado com eles. Eles silenciaram a voz já falada por Deus por meio de José, como Ele os acusa ali; rejeitaram Moisés, o libertador; perseguiiram os profetas; mataram João e outros, que haviam anunciado anteriormente a vinda do Justo; foram os traidores e homicidas do próprio Justo; e, finalmente, resistiram até o fim ao Espírito Santo em Sua Pessoa, como sempre haviam feito. O Senhor, portanto, só precisou abandonar Seu santuário, e com ele a Terra, e o mártir vê o Senhor no céu sob uma forma que deixa claro que os santos agora teriam sua cidadania celestial e sua morada na glória lá, e não na Terra.

O martírio de Estêvão foi, portanto, uma crise ou um tempo de julgamento, o último para Israel; e, por isso, uma nova testemunha

de Deus foi chamada. Já haviam existido tempos semelhantes na história de Israel. Siló havia sido o cenário da primeira crise. A arca que ali se encontrava foi levada para a terra do inimigo – o sacerdote e seus filhos morreram ingloriamente; Icabô era caráter central do sistema de então, e Samuel foi chamado como a nova testemunha de Jeová – o auxílio de Israel, aquele que ergueu a pedra Ebenézer. Jerusalém foi, posteriormente, o cenário de outra crise. A casa de Davi havia enchido a medida de seu pecado; o rei e o povo, com todos os seus tesouros, foram levados para a Babilônia, e a cidade foi reduzida a escombros, e Jesus (pois o intervalo até esse propósito não precisa ser estimado) foi chamado, a nova Testemunha de Deus – a misericórdia e a esperança seguras de Israel. Mas Ele foi rejeitado e, em julgamento, Ele voltou Suas costas para Jerusalém, dizendo: **“Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta”**. Essa foi também uma época de julgamento – o julgamento de Israel pela rejeição do Filho do Homem; e então surge outra testemunha – os doze apóstolos, que testificam, como tenho observado, no Espírito Santo, a respeito da ressurreição do Senhor rejeitado, e que o arrependimento e a remissão dos pecados foram providenciados n'Ele para Israel. Mas eles também são rejeitados e expulsos. Então vem a crise final – Estêvão é o representante deles, e ele convence Israel da plena resistência ao Espírito Santo; e então surge uma nova testemunha celestial. Tal testemunha é a Igreja, e da Igreja, e do chamado e glória especiais da Igreja, Paulo é tornado o ministro, em um sentido eminentíssimo.

O Filho Revelado nos Santos

“aprouve a Deus... revelar Seu Filho em mim”, diz ele. Este é o fundamento da dignidade especial da Igreja e do evangelho que Paulo pregou. Não era o evangelho do Messias, a Esperança de Israel, nem o evangelho d'Aquele que havia sido crucificado, agora exaltado a **“Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados”**; mas era o evangelho do *Filho de Deus revelado nele*.

O Filho já havia sido revelado aos discípulos pelo Pai (Mateus 16:17); mas agora Ele Se revela em Paulo. Ele tinha o Espírito de adoção. O Espírito Santo nele era o Espírito do Filho. E ungido com este óleo de alegria, ele tinha que sair e espalhar o cheiro dele por toda parte. E sobre o Filho assim revelado interiormente, depende tudo o que é peculiar, como observei, à vocação e à glória da Igreja. Assim lemos: **"O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e coerdeiros de Cristo: se é certo que com Ele padecemos, para que também com Ele sejamos glorificados"** (Romanos 8:16-17). E novamente, lemos: **"E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo"**, isto é, como Paulo aqui fala de si mesmo, para termos o Filho revelado em nós. E sendo esta a condição predestinada da Igreja, surgem, como consequência disso, todas as santas prerrogativas da Igreja: a aceitação no Amado, com o perdão dos pecados por meio do Seu sangue; a entrada nos tesouros da sabedoria e do conhecimento, para que nos seja revelado o mistério da vontade de Deus; a herança futura n'Ele e com Ele, em Quem todas as coisas nos céus e na Terra serão reunidas; e o selo e penhor presente desta herança no Espírito Santo. Esta brilhante lista de privilégios é descrita pelo apóstolo assim: **"as bênçãos espirituais nos lugares celestiais"**; e de fato o são, bênçãos que, por meio do Espírito, fluem de Cristo e nos unem a Ele, que é o Senhor nos céus (Ef 1:4-12).

Tudo isso decorre da revelação do Filho em nós, pela qual a Igreja se reveste de Cristo, de modo a ser uma com Ele em cada estágio de Seu caminho maravilhoso: mortos, vivificados, ressuscitados e assentados no céu n'Ele (Ef 2:6).

A mordomia de Paulo

Desse mistério, Paulo era especialmente o mordomo. O Senhor havia insinuado isso na parábola da videira e das varas. Ele falou sobre isso como aquilo que a presença do Consolador realizaria, dizendo: **"Naquele dia conhecereis que estou em Meu Pai, e vós**

em Mim, e Eu em vós". Ele também falou disso aos Seus discípulos por meio de Maria Madalena após a ressurreição, dizendo: **"Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus"**; dizendo-lhes, assim, que seriam um com Ele em amor e gozo diante do trono, durante toda esta dispensação. Mas esse mistério não se revelou plenamente até que Paulo fosse enviado para declará-lo. É um chamado de abundantes riquezas de graça, mas nada menos do que isso poderia satisfazer a vontade de Deus para com os Seus eleitos; pois Aquele que santifica e aqueles que são santificados seriam **"todos de um"** (Hebreus 2:11). Assim se estabeleceu a aliança de amor antes da criação do mundo. Um mediador como Moisés, cujo maior serviço foi manter Jeová e o povo separados (veja Deuteronômio 5:5), não poderia cumprir o propósito deste maravilhoso amor de nosso Deus. Mas no Filho, os eleitos são aceitos; e embora Sua obra e Seu mérito sejam todo o título que eles têm a qualquer coisa, eles possuem tudo por sua unidade com o próprio Mediador (João 17:26). Nada menos que isso poderia satisfazer o desejo do coração de nosso Pai celestial para conosco.

O muro de separação, seja entre Deus e os pecadores, seja entre Judeus e gentios, é derrubado; e nós, pecadores, permanecemos juntos sobre suas ruínas, triunfando sobre elas em Cristo, com nosso Pai celestial Se regozijando também sobre nós. Esta é a maravilhosa obra do amor de Deus, e a formação e consumação desta união entre Cristo e a Igreja é a lavoura que Deus agora está cultivando. Ele não está, como antes estava, cuidando de uma terra de trigo, azeite e romãs, para que o Seu povo pudesse se alimentar do fruto do campo sem escassez (Deuteronômio 11:12); mas Ele é o Lavrador da Videira e dos ramos. Ele está treinando a Igreja na união com o Filho do Seu amor até que todos cheguem ao conhecimento d'Ele e a um homem perfeito. É essa união que nos torna da mesma família do Senhor Jesus e nos dá o direito de ouvir a respeito d'Ele **"o Primogênito"** (Romanos 8:29). É essa união que nos dá a mesma glória com o Senhor Jesus e nos dá o direito de olhar para Ele como **"o Precursor"** (Hebreus 6:20). É isso que dá

caráter à vida que temos agora e à glória na qual seremos manifestados quando Aquele que é a nossa vida aparecer.

Vida, amor e glória

Nossa vida e glória, portanto, são ambas de um novo caráter. A *vida* é uma nova vida. O homem em Cristo é uma nova criatura; ele é um homem morto e ressuscitado. Suas capacidades e afeições adquiriram um novo caráter. Sua inteligência é *entendimento espiritual*, ou “**a mente de Cristo**”. Seu amor é “**amor no Espírito**”. O poder nele é “**o poder da Sua glória**” (TB), o poder da ressurreição de Cristo. E assim ele não conhece homem algum segundo a carne, mas todas as coisas se fizeram novas para ele. Não basta que as afeições humanas ou os gostos naturais aprovem algo; pois, sendo segundo o Espírito, ele se inclina “**para as coisas do Espírito**”. Ele serve em “**novidade de espírito**”, e o nome do Senhor Jesus é a aprovação do que ele faz, seja “**por palavras ou por obras**”. Ele foi transportado para o reino do Filho do amor de Deus, e lá caminha, saindo com segurança e liberdade para servir desde a manhã até à noite, vivendo pela fé n'Aquele que o amou e Se entregou por ele.

A *glória* é também uma nova glória. É algo que transcende tudo o que se viu nas eras anteriores. Coisas excelentes foram ditas sobre Adão e Israel; mas nada comparável ao que nos é dito sobre a Igreja. Cristo apresentará a Igreja a Si mesmo, assim como Deus apresentou Eva a Adão, para ser a companheira de seu domínio e de sua glória. Os santos serão conformados à imagem do Filho. É “**a alegria do Senhor**” que está preparada para os santos, uma participação com Cristo na autoridade do reino, naquilo que Ele recebeu do Pai. Eles não são apenas introduzidos na glória, mas eles mesmos são feitos gloriosos; como lemos: “**A glória que em nós há de ser revelada**”; e ainda, “**para que também com Ele sejamos glorificados**”, isto é “**juntamente com Cristo**”, “**para ser conforme o Seu corpo glorioso**”. O lugar do Filho é o cenário da glória deles. Eles não devem se apoiar no estrado para os pés, mas se assentar no trono. Israel pode ter as

bênçãos da Terra, mas a Igreja conhecerá a glória superior ou celestial. E é *a vida e a glória* que nos fazem ser o que somos. A vida nos faz *filhos*, a glória nos faz *herdeiros*, e nossa filiação e herança são tudo.

O evangelho de Paulo

Foi o evangelho dessa vida e glória que Paulo foi especialmente chamado a ministrar. Sabemos que Pedro e os outros o transmitiram; mas Paulo foi aquele que o administrava de forma distinta. E Pedro e os outros não transmitiram este evangelho como sendo os doze em Jerusalém. Como os doze, eles haviam prestado testemunho a Israel e sido rejeitados como seu Senhor, e agora se tornaram testemunhas do chamado celestial da Igreja. A visão que instruiu Pedro sobre o fato de Deus haver santificado os gentios também pode ter lhe dito que Deus havia feito do céu, e não da Terra, o lugar do seu chamado e o cenário de suas esperanças. O lençol com seu conteúdo foi descido do céu e depois levado de volta ao céu. Isso foi, simbolicamente, uma revelação do mistério oculto desde os séculos. Ele indicava que a Igreja fora desde a antiguidade inscrita no céu e lá oculta com Deus, mas agora, por um breve período, se manifestava aqui e, no fim, seria ocultada novamente no céu, tendo lá sua glória e herança. Isso foi simbolizado pelo lençol que descia e subia, e tal, creio eu, é a natureza do mistério oculto por eras e gerações. E, de acordo com isso, Pedro, sob o Espírito Santo, fala aos santos sobre a sua herança “**guardada [reservada – ARA] nos céus**”; e os exorta a esperarem com os lombos cingidos, como estrangeiros e peregrinos na Terra. Ele apresenta a Igreja como tendo chegado conscientemente ao fim de todas as coisas aqui, e olhando, como Israel na noite da páscoa, para Canaã, tendo dado fim a este Egito – este mundo.²

Mas Paulo foi tomado de maneira especial para este ministério. Uma dispensação do evangelho lhe foi confiada, e ai dele se não o pregasse (1 Coríntios 9:16-17). Ainda que, como ele mesmo diz, fosse até contra a sua vontade, mesmo assim ele devia pregá-lo.

O Filho foi revelado nele com esse propósito específico, para que ele O anunciasse entre os gentios (Gálatas 1:16). Pois, quando o Senhor converteu a alma de Saulo, enviou-o com este evangelho: **"Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda".**

O ministério de Paulo

Considero, de fato, muito proveitoso para os santos discernirem corretamente que o ministério de Paulo foi, portanto, uma etapa no processo divino de revelar os propósitos de Deus. Que ele ocupa um lugar de destaque na Igreja, o sentimento de cada santo testemunhará de imediato e sem esforço; pois não há nome mais presente na memória dos santos do que o de nosso apóstolo, senão o nome d'Aquele que, no coração do Seu povo, não tem igual.

E, sendo assim o seu ofício procedente do céu, ele se recusa a consultar carne e sangue – recusa-se a subir a Jerusalém para encontrar-se com aqueles que foram apóstolos antes dele. Ele não deveria buscar ser aprovado ali ou por eles. Antes disso, os doze em Jerusalém detinham toda a autoridade. Mas os apóstolos em Jerusalém não representam nada para Paulo ou para seu ministério. Eles não haviam lançado sortes sobre ele, nem agora devem enviá-lo; mas é o Espírito Santo Quem diz: **"Apartai-Me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado".** E tendo recebido assim a graça e o apostolado do Senhor, na glória, e sendo agora enviados pelo Espírito Santo, em plena consonância com tudo isso, ele e Barnabé recebem recomendação à graça de Deus das mãos não consagradas de alguns irmãos anônimos em Antioquia. Tudo isso foi uma grave transgressão daquela ordem que deveria estabelecer a Terra em justiça, começando por Jerusalém.

Não apenas o apostolado e a missão de Paulo eram, assim, independentes de Jerusalém e dos doze apóstolos, mas o evangelho que ele pregava (cuja natureza já consideramos) ele

também não aprendeu nem lá nem com eles. Ele não o recebeu de homem algum, nem lhe foi ensinado, mas sim pela revelação de Jesus Cristo. Ele sobe, de fato, de Antioquia a Jerusalém, com Barnabé, para tratar com os apóstolos acerca da circuncisão; mas, antes disso, resiste a alguns, ainda que tivessem sido enviados por parte de Tiago, e repreende Pedro na presença de todos. E essas coisas foram ordenadas pela providência e sabedoria do Espírito, assim como as repreensões de nosso Senhor à sua mãe; o Espírito de Deus, prevendo as arrogâncias na carne que surgiram de ambas as fontes, de Maria e de Pedro, deu assim ao peregrino esses sinais de sua jornada rumo ao céu. Ele divulga o decreto sobre a questão da circuncisão, para a paz presente. Mas, ao aconselhar as igrejas gentias posteriormente sobre um dos assuntos determinados por este decreto, a saber, *comer carnes oferecidas a ídolos*, ele o faz simplesmente por amor fraternal. Ele nunca se refere a este decreto (1 Coríntios 8). Ele foi ensinado inteiramente sobre o evangelho por revelação (Gálatas 1:12), pois em sua conversão isso lhe fora prometido (Atos 26:16).

E, consequentemente, foi do próprio Senhor que ele recebeu o conhecimento da morte, sepultamento e ressurreição (1 Coríntios 15:3), e também o conhecimento da última ceia e seu significado (1 Coríntios 11:23); embora essas coisas fossem de conhecimento comum daqueles que haviam convivido com o Senhor, e ele pudesse tê-las recebido deles. Mas não, ele precisava ser ensinado sobre tudo por revelação. O Senhor lhe apareceu nas coisas das quais ele deveria ser ministro e testemunha. O Senhor zelou para que Paulo não consultasse carne e sangue – para que não fosse devedor a ninguém, mas ao Senhor mesmo, por seu evangelho. Pois, assim como a dispensação não permitia nenhuma confiança na carne, o mesmo se aplicava ao apostolado de Paulo. Tudo o que poderia ter sido ganho na carne devia ser considerado perda. A confiança daqueles que tinham visto e ouvido, comido e bebido com Jesus, poderia ter sido ganho; mas tudo isso foi deixado de lado. Paulo seria agradecido e revigorado em espírito pela fé mútua entre ele e o discípulo mais humilde.

Aliás, ele queria que tais discípulos fossem reconhecidos; todos aqueles em cujo interior o Espírito Santo havia aberto o rio de Deus para o refrigério dos santos (Romanos 1:12; 1 Coríntios 16:18). Mas ele não podia aceitar a pessoa de ninguém.

Os pilares anteriores da Igreja não podiam ser usados para sustentar seu ministério. A ordem Judaica havia desaparecido. Sabemos que, desde a antiguidade, Jeová respeitava essa ordem. Foi segundo o número dos filhos de Israel que, no princípio, Ele dividiu as nações (Deuteronômio 32:8). Depois, Ele distribuiu a terra de Canaã segundo esse número também, isto é, entre as doze tribos (Josué 13-19). Assim também Davi, em seus dias, sob a orientação de Jeová, levou em consideração o mesmo número quando estabeleceu os ministérios do templo e os oficiais da casa do rei em Jerusalém (1 Crônicas 23-27). E, de maneira semelhante, o Senhor providenciou a cura e o ensino de Israel, designando doze apóstolos, ainda levando em consideração a ordem Judaica. E essa ordem dos doze apóstolos foi preservada, como vimos, sob a liderança de Pedro posteriormente; pois ele era o guardião da ordem Judaica e pastor da Igreja Judaica. Mas o apostolado de Paulo é, ao mesmo tempo, uma violação contra tudo isso. Não tem qualquer respeito pela ordem Judaica, terrenal ou carnal e interfere nela. É um escrito sob a mão do Espírito de Deus para a revogação dessa ordem. E isso foi, como era natural, uma grande provação para os Judeus Cristãos. Eles não conseguiam entender facilmente esse apostolado, não conforme à ordem estabelecida, e vemos que Paulo foi comprehensivo com eles durante essa provação. E, de fato, aqueles que o apoiam na afirmação da soberania do Espírito e na rejeição de toda autoridade carnal também deveriam ser comprehensivos com as dificuldades que muitos agora enfrentam devido aos sentimentos e regras de julgamento Judaicos nos quais foram educados. Mas, ainda assim, Paulo era um apóstolo; ouçam-no, ou deixem de ouvi-lo.

E não apenas era uma provação para os crentes Judeus, mas também foram achados homens maus, movidos por Satanás, que se aproveitaram desse estado de coisas. Vemos que assim foi em

Corinto. Na Galácia, porém, não foi desse modo. Em sua epístola às igrejas de lá, ele não fala de seu apostolado porque este havia sido caluniado entre eles, mas sim porque ele era a sanção divina do evangelho que Paulo havia pregado e do qual eles haviam se afastado. Mas em Corinto, seu apostolado havia sido questionado, e por quais testemunhas haveria Paulo de tornar seu apostolado aprovado? Ora, por sua pureza, por seu conhecimento, por suas armas da justiça (2 Coríntios 6). Como ele busca ser recebido? Ora, porque não fez injustiça a ninguém, não corrompeu ninguém (2 Coríntios 7). Como ele defende e estabelece seu ministério? Leiam suas provas em palavras como estas: **"Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo Senhor nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor? Se eu não sou apóstolo para os outros, ao menos o sou para vós; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor"**. E ainda: **"Porque ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo"**. Com tudo isso, ele não atribui a prova de seu apostolado à presença manifesta do Espírito com ele? Seus filhos na fé eram o selo de seu ofício (1 Coríntios 9:2); a epístola que deveria recomendá-lo à aceitação de todos. Os sinais de um apóstolo foram realizados por ele (2 Coríntios 12:12). E não deveria ter sido assim? Que ofício ou ministério poderia agora ser garantido sem a presença e o exercício dos dons recebidos para os homens? Poderia o propósito da ascensão ser evitado ou anulado? Poderiam ser admitidas autoridade e ordem carnais, em desprezo da revelação agora dada, de que o Cabeça exaltado é o Dispensador e Senhor de todos aqueles ministérios que são para **"o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo"**?

Cristo, o Cabeça da Igreja

Quando o Senhor ascendeu, em Seu caminho às alturas, Ele era um Conquistador em triunfo, levando cativo o cativeiro. Mas, ao alcançar Seu trono celestial, tornou-Se um Sacerdote coroado³ e

enviou dons da coroação à Sua Igreja, por meio do qual Ele está formando ou fortalecendo a união entre Si mesmo e os membros aqui na Terra, e a união entre eles. Esses ministérios, portanto, agem como as juntas e as ligaduras do corpo humano; e o apóstolo deixa de lado todos os outros ministérios como sendo “**rudimentos do mundo**”, adequados àqueles que estão vivos no mundo, mas totalmente inadequados àqueles que estão – como a Igreja – mortos e ressuscitados com Cristo (veja Efésios 4:16; Colossenses 2:19-23).

Dons para a Igreja

Portanto, não somos fiéis à ascensão de nosso Cabeça se não buscarmos os dons de Sua ascensão naqueles que ministram em Seu nome. Eles constituem a escrita da mão do Senhor nas genealogias da Igreja. Os Judeus tiveram o cuidado de excluir do sacerdócio aqueles cuja genealogia não podia ser comprovada. Recusaram-se a registrá-los (Esdras 2:62; Neemias 7:63-64). E isso em uma época em que tudo era fraqueza em Israel. Nenhuma coluna de nuvem os havia guiado de volta para casa, quando vieram da Babilônia; nenhum braço do Senhor havia gloriosamente aberto caminho para eles através dos desertos; nenhuma chuva de alimento angelical do céu, nem a arca da aliança estava com eles. Tudo isso, e muito mais, havia desaparecido. Mas alegaram sua fraqueza e nada fizeram? Zorobabel, Esdras e Neemias fizeram o que puderam. Eles não puderam recuperar tudo, mas fizeram o que puderam e, entre outros serviços, leram as genealogias e não permitiram que as coisas santas fossem consumidas por pretendentes sem provas ao sacerdócio. E o nosso, queridos irmãos, é um dia de fraqueza como o deles. Grande parte da antiga força e beleza se perdeu, e não podemos recuperar tudo. Mas não deve ser, portanto, um dia de permissividade em relação ao mal; nem devemos, em espírito de inércia, cruzar os braços e dizer: “*Não há esperança*”. Devemos fazer o que pudermos e, entre outros serviços, podemos estudar as genealogias, quando alguém busca seu registro, e assim está escrito: “**Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido**

de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância” (1 Timóteo 3).

Assim se desenrolam as genealogias dos bispos do rebanho de Deus; assim escreveu o Espírito do ascendido Cabeça da Igreja em Sua Palavra.

A presença do Espírito Santo

O tempo de gloriar-se somente no Senhor, e naquela autoridade – e somente naquela – que havia sido formada pelo Espírito Santo, havia agora plenamente chegado; e, portanto, o fato de o Senhor ter dado autoridade a Paulo na Igreja foi demonstrado por testemunhos da presença do Espírito com ele. Os sinais de um apóstolo foram realizados por ele. Sua autoridade foi aprovada pelo fato de que ele não podia fazer nada “**contra a verdade, senão pela verdade**”; e porque o poder usado por ele era usado “**para edificação, e não para destruição**” (2 Coríntios 13:5-10). Ele não reivindica nenhuma autoridade, a não ser aquela que foi assim confirmada pela presença do Espírito com ele, e usada por ele para o avanço da verdade e o proveito da Igreja. Pois o Espírito Santo havia sido publicamente reconhecido como Soberano na Igreja, assim como o Filho havia sido proclamado Cabeça para a Igreja. Os dons do Espírito podem estar *entre nós* em diferentes graus de intensidade; mas o Espírito Santo *em nós* é o título de toda *adoração e serviço presentes*. Qualquer adoração que haja agora nos templos de Deus deve ser em Espírito; pois nós “**somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito**” (ARA).

E o apóstolo, falando sobre adoração, diz: “**Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor**, (isto é, ninguém pode chamar Jesus de Senhor, ou dizer: Senhor Jesus), **senão pelo Espírito Santo**” (1 Coríntios 12:2). Portanto, qualquer serviço que deva ser prestado na Igreja agora está sujeito a esta limitação: “**segundo o poder que Deus dá**”; é por esta regra: “**a manifestação do Espírito**”. Paulo podia impor as mãos sobre Timóteo, e Tito podia nomear presbíteros; mas a presença do Espírito era proporcional à

autoridade e ao serviço. Timóteo foi deixado em Éfeso; mas a responsabilidade que lhe foi confiada ali estava de acordo com os dons que lhe foram concedidos (1 Timóteo 1:18; 4:14; 2 Timóteo 1:6). Assumir qualquer ministério além dessa medida é pensar de nós mesmos “**além do que convém**” (Romanos 12:3). E assim como cada santo individual tem o direito, por meio do Espírito que nele habita, de examinar “**todas as coisas**” (sem dúvida, com a condição de que retenha “**o que é bom**” – ARA); assim as congregações dos santos, ou os templos de Deus, como espirituais, devem também julgar (1 Coríntios 14:29); e se os recursos da carne, o nome, as vantagens humanas ou as distinções terrenais dos homens forem glorificados e confiados, o templo é contaminado. E o templo de Deus em Corinto foi assim contaminado (1 Coríntios 3:16-23). Alguns haviam se apoiado em Paulo, outros em Cefas, outros em Apolo. Mas isso era carnal. Isso era andar como homens, e não na presença e suficiência do Espírito, de Quem eles eram o templo. Tornaram-se infieis ao Espírito que habitava neles.

Responsabilidade no ministério

E aqui permita-me dizer que não é tanto de *direito* de ministrar que o Novo Testamento fala, mas de *obrigação*. Se alguém tem o dom, ele tem a *obrigação* de exercitá-lo e de se dedicar ao seu ministério. O hábito de encarar o ministério como um direito, em vez de uma obrigação, deu à Igreja seu aspecto mundano. A “**grande casa**” esqueceu que o *serviço na Terra* é *glória*. Mas o nosso apóstolo não se esqueceu disso e jamais se envolveu em nada que pudesse influenciar o mundo, segundo os princípios do mundo. Ele era alguém por quem o mundo passava batido. Trabalhava com as próprias mãos, exercia seu ofício e fazia tendas, justamente quando, na autoridade do Espírito, sacudiu suas vestes sobre os Judeus incrédulos. Ele estava entre os mais humildes de sua companhia (humildes aos olhos do mundo), apanhando gravetos para o fogo, quando, no poder de Cristo, sacudiu a víbora de sua mão. Amados, isso é bem diferente de tudo o que a Cristandade corrompida sancionou em seus

ministros, como se fossem suas devidas e apropriadas dignidades! Mas Paulo, em sua própria estima (e desejava que os outros o estimassem também por essa regra), considerava-se exatamente como o Senhor o havia feito. Ele não ousaria falar de nada que Cristo não tivesse realizado por meio dele (Romanos 15:18). Ele se media apenas pela linha que o Senhor lhe havia designado (2 Coríntios 10). Que loucura ele considera toda a vanglória da carne! Ele foi compelido, por um breve momento, a parecer tolo diante da Igreja em Corinto; mas com que zelo, com que vingança, com que justificativa ele abandona essa “**loucura**”, como a chama? (2 Coríntios 11). Que todos nós tivéssemos a mesma mentalidade, o mesmo zelo pelo Senhor, a mesma vingança contra a carne, que, como as vísceras de um sacrifício, só servem para serem queimadas fora do arraial.

Quanto a mim, irmãos, confesso que esses princípios me são muito claros no Novo Testamento. O Senhor sabe que, naturalmente, eu preferiria que tudo permanecesse e se estabelecesse na carne, para que pudéssemos nos apegar com mais segurança ao nosso caminho tranquilo e estável. Mas oro por mais fé, por uma apreensão mais viva e poderosa desta verdade: que a Terra e seus habitantes serão dissolvidos, e que somente Cristo sustentará seus pilares. Precisamos da fé que nos desarraigará dessa Terra na qual a cruz do Filho de Deus foi uma vez cravada, e na qual o curso deste mundo, permanecendo o mesmo desde então, apenas fixou essa cruz com mais firmeza. Queremos a fé que nos chamará a nos levantarmos e partirmos dela, e a irmos ao encontro do Noivo.

Paulo, um homem representativo

Mas agora gostaria de concluir, tendo estendido meu texto mais do que pretendia, e fazer algumas breves observações sobre nosso apóstolo em sua *pessoa*, seu *ministério* e sua *conduta*; pois neles se encontram exemplos de muitas características da dispensação, visto que seu apostolado foi o sinal geral dela.

Em sua pessoa, vemos refletido muito da dispensação. Ele podia chamar a si mesmo de o *principal dos pecadores*, quando desejava magnificar a *graça* da dispensação e mostrar que ela podia alcançar todas as abundâncias do pecado. Mas também podia chamar a si mesmo de *irrepreensível quanto à justiça que há na lei*, quando queria tornar conhecido o caráter da *justiça* da dispensação e mostrar como ela colocava de lado todas as outras como sendo perda e escória (1 Timóteo 1:15; Filipenses 3:8). Essas coisas são maravilhosas e, ainda assim, perfeitas. Saulo de Tarso é tomado pelo Espírito, a fim de apresentar nele a *graça* e a *justiça* que agora nos são trazidas. É estranho que encontremos o primeiro lugar na primeira fila dos pecadores ocupado por aquele que, quanto à lei, era irrepreensível. Mas assim foi. Um exemplo belo, brilhante e completo da obra da dispensação nos é dado naquele que foi feito seu ministro representante. A *graça* de Deus e a *justiça* de Deus são manifestadas em sua pessoa.

Assim, em sua pessoa vemos o “**espinho na carne**”. E seja lá o que isso tenha sido, era uma mancha aos olhos do mundo. A formosura que o mundo podia avaliar estava maculada por isso. No Espírito, ele tinha maravilhosas revelações, e o segredo de Deus estava com ele de uma maneira bendita; mas diante dos homens havia uma mácula sobre ele. Mas tudo isso está em consonância com a dispensação. Os santos, exaltados em Cristo, devem ser humilhados diante dos homens. O mundo não os conhecerá. A dispensação não admite confiança na carne. Nela, Deus deixou a carne de lado como inútil. O olho direito e a mão direita foram arrancados; não se deve atentar para as coisas segundo a aparência externa; não se deve medir ou comparar as coisas por qualquer regra desse tipo. E, de acordo com isso, Paulo teve uma tentação na carne. Algo foi imposto a ele que provocava o desprezo dos homens. Assim como Jacó, quando se tornou Israel, ele manquejava ao longo da planície de Peniel. A carne estava danificada, quando diante de Deus ele recebeu um nome novo e honrado. Mas o encolhimento de sua coxa estava no mesmo amor que sua vitória sobre o divino Desconhecido. E

assim, o espinho na carne de Paulo estava no mesmo amor que seu arrebatamento para o paraíso. Ezequias, no dia em que foi exaltado, fora deixado sozinho para que Deus o pusesse à prova (2 Crônicas 32:31). Mas o Senhor foi misericordioso com Paulo e não o deixou sozinho, mas colocou um espinho em sua carne. E se ele tivesse permanecido na plena inteligência do Espírito, não teria orado para que o espinho fosse removido; pois logo teve que retirar sua oração e se gloriar, antes, em suas fraquezas. Assim, não há ninguém perfeito, queridos irmãos, senão o próprio Mestre. Por mais favorecidos e honrados que Paulo e outros possam ter sido, não há ninguém perfeito senão o Senhor. Isso é consolo para nossa alma. Deus repousa eternamente satisfeito n'Ele, mas somente n'Ele. Ele jamais teve um desejo que precisasse ser revogado, jamais uma oração a ser chamada de volta do ouvido do Pai. **"Ele foi ouvido"**. Mas Paulo teve que aprender que havia interpretado mal a regra da bênção e da glória; teve que aprender, como todo santo, que quando estava fraco, então era forte. E assim, com o espinho na carne, mas com o poder de Cristo repousando sobre ele, ele representa os santos nesta dispensação.

Em seu *ministério*, vemos também algo da dispensação. **"A loucura de Deus"** e **"a fraqueza de Deus"** (isto é, o testemunho de Cristo crucificado, que o mundo julga **"vil e desprezível"**) estavam agora sendo dispensadas, e o ministério de Paulo foi de acordo com isso – ele era fraco e insensato aos olhos dos gregos deste mundo. Paulo não se apresentou com eloquência ou sabedoria. Sua pregação não foi feita com palavras persuasivas, mas ele estava entre os santos em fraqueza, temor e grande tremor (1 Coríntios 2).

Mas, além disso, por mais que sua pregação se estendesse pelo mundo, ela demonstrava a *abrangência* da graça de Deus nesta dispensação. Em princípio, o som dessa graça deveria alcançar os confins da Terra; e assim Paulo fala de seu ministério como se estendendo para a direita e para a esquerda, desde Jerusalém até o Ilírico. Ele havia recebido o **"apostolado, para a obediência da**

fé entre todas as gentes" e se sentia "**devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes**". Ele falava aos Judeus, aos devotos, ao povo comum, a todos que encontrava, e também aos filósofos (Atos 17). Seu propósito era alcançar toda a Terra. E assim ele fala continuamente às igrejas sobre sua passagem de um lugar para outro, por Corinto até a Macedônia, retornando de lá para Corinto novamente e, assim, sendo levado à Judeia. E novamente, ele fala de ir a Roma, ao fazer sua viagem à Espanha. Deus estava em Cristo reconciliando o mundo Consigo mesmo, e o Espírito que estava neste apóstolo de Deus, portanto, alcançou os confins da Terra. Ele chamava os homens em todos os lugares ao arrependimento, assim como a dispensação fazia. E quando não podia mais andar por aí pregando o evangelho, estando preso por causa dos gentios e sendo prisioneiro de Jesus Cristo, "**recebia todos quantos vinham vê-lo; Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo**" (At 28:30-31). Tudo isso expressava a abrangência da graça que agora chamava "**tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados**". Nos tempos Judaicos, as ordenanças de Deus estavam todas em Jerusalém. Era lá que os homens deviam adorar. O sacerdote permanecia no templo, pois a dispensação vigente era aquela que recusava o convívio com os homens, mas em justiça, mantinha o rebanho de Deus recolhido na terra da Judeia. Mas agora a dispensação é a da graça, saindo nas atividades do amor para reunir as ovelhas perdidas que se extraviaram nos montes; e a pregação é, portanto, a grande ordenança de Deus hoje. A pregação é a nova designação de Deus, algo que transcende os meros serviços de um templo isolado; e desta nova ordenança Paulo foi constituído o ministro mais distinto.

Então, em Sua *conduta*, posso dizer que, de maneira geral, ela serviu para demonstrar a dispensação. Em Sua conduta, como Ele mesmo diz, houve uma "**manifestação da verdade**". E é isso que a fé sempre faz, em medida. A fé, em sua forma viva, reflete a

verdade dispensada. A conduta da fé, como alguém já observou, está sempre de acordo com o princípio dos tratamentos presentes de Deus. Como João diz: “**se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros**”. E como Pedro diz: “**Não tornando mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo; sabendo que para isto fostes chamados, para que por herança alcanceis a bênção**” (1 Pedro 3:9). Isto é, sendo a bênção concedida a nós, a bênção é exigida de nós. E assim, na conduta de Paulo, encontramos os grandes princípios do tratamento atual de Deus com a Igreja. O Filho de Deus esvaziou-Se da glória que possuía antes da criação do mundo; e enquanto esteve na Terra, sempre Se recusou a Si mesmo. Com o direito de invocar legiões de anjos, permaneceu mudo como uma ovelha diante de seus tosquiadores; sendo livre como o Filho, submeteu-Se às exigências de outros (Mateus 17:27). Assim, Paulo, embora livre de tudo, fez-se servo de todos, tornando-se tudo para todos, para o bem deles (1 Coríntios 11:1; 2 Coríntios 11:29). E observem suas palavras aos anciãos de Éfeso, quando se despede não apenas deles, mas também de seu ministério, pronto para ir para a prisão ou para a morte, por seu Mestre – Jesus (Atos 20:17-35). Observem o que ele declara ter sido sua conduta em seu ministério e como ele testifica de si mesmo, dizendo: “**Tenho-vos mostrado todas as coisas**” (At 20:35 – JND); assim, mostrando-lhes que fora escolhido para ocupar o lugar de honra de refletir as ações de Deus no evangelho, permitindo que as igrejas vissem nele a bem-aventurança de agir em graça, que é (como sabemos para nossa salvação) o caminho do Filho de Deus no evangelho. “**Em tudo vos dei o exemplo de que, assim trabalhando, é necessário socorrer os fracos e vos lembrar das palavras do Senhor Jesus, porquanto Ele mesmo disse: Coisa mais bem-aventurada é dar do que receber**”. Este foi um santo testemunho que o Espírito o capacitou a dar. E, em certo sentido, eu diria que ele até mesmo ultrapassou o evangelho; não o espírito dele (isso era impossível), mas as meras condições dele. O Senhor havia ordenado que aqueles que anunciam o evangelho vivam do evangelho; mas Paulo não havia usado esse poder no

evangelho (1 Coríntios 9:12). Ele poderia ter sido um fardo para os discípulos como apóstolo de Cristo, mas desejava transmitir-lhes não apenas o evangelho de Deus, mas também a sua própria alma, porque eles lhe eram queridos (1 Tessalonicenses 2:8-9). Mas o que isso reflete senão o amor imensurável e incansável de Deus, que nos visitou no evangelho? Tão eficazmente ele havia aprendido sobre Cristo - de forma tão abençoada ele foi capacitado, pela graça, a manifestar a dispensação - e, além disso, tão plenamente ele era um modelo da conduta para a qual a dispensação nos chama, que ele pôde dizer: "**Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam. Porque... a nossa cidade [comunidade] – JNDI está nos céus**". Ele viveu na Terra como cidadão da cidade celestial e era para Deus (como o Espírito lhe permitiu expressar de forma marcante), "**o bom cheiro de Cristo**" (ARC).

Mas, por mais honrado que pudesse ter sido como apóstolo dos gentios e, em seu apostolado, pessoa, ministério e conduta, uma testemunha da dispensação, contudo ele não foi enviado, como ele nos diz, para batizar, mas para pregar o evangelho. Pois não deveria haver nenhum ponto de reunião na Terra. Se houvesse tal ponto, este apóstolo o teria conhecido. Cristo era o centro de todas as almas renovadas e Ele estava no céu. O Senhor não estava agora estabelecendo um ponto visível, como fizera outrora em Jerusalém. A dispensação era celestial: sua fonte de poder e seu lugar de encontro era o santuário superior. Era uma "cidadania celestial" que estava sendo registrada; pois ainda não se podia dizer de Sião: "**Este e aquele homem nasceram ali**". Todos os que, em todo lugar, invocavam o Nome do Senhor Jesus Cristo eram agora registrados no alto, como no livro do Cordeiro.

O arrebatamento para o céu

Tal era o nosso apóstolo; e muito mais poderia ser acrescentado do mesmo caráter; mas não falarei mais sobre isso. Gostaria de mencionar agora apenas mais uma coisa que também era

peculiar a ele: o seu arrebatamento para o paraíso. Nisso, ele também se apresenta como representante da dispensação, visto que foi como “**um homem em Cristo**” que ele foi agraciado com esse arrebatamento. Nele, ele se reconhece apenas como tal, e, portanto, esse paraíso é a porção de todos os que são assim. Considero seguramente que esse tem sido o *lugar do espírito do santo enquanto ausente do corpo*, e para onde o ladrão perdoado foi no dia de sua crucificação. Paulo era, *de fato, um homem em Cristo.*⁴ Ele foi arrebatado por um tempo, mas nenhum outro homem jamais teve o mesmo gozo. Ele o chama de “**paraíso**” – “**o terceiro céu**”, o lugar de abundantes visões e revelações. Se estava no corpo ou fora do corpo, ele não sabia, mas ele esteve lá. Não lhe foi permitido falar muito sobre isso, e a Escritura, no geral, é silenciosa sobre a sua natureza. Mas lá estava ele, e neste arrebatamento do nosso apóstolo, como nos é testemunhado pelo ensino da Escritura, é melhor partir e estar com Cristo, e que o lugar do espírito liberto é um lugar de abundante revelação e um paraíso de visões de Cristo.

A própria existência de tal lugar foi plenamente revelada à fé da Igreja (embora pudesse ter sido apreendida antes), quando o Cabeça da Igreja disse: “**Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito**”. E novamente foi confirmada à nossa fé quando Estêvão, “**um homem em Cristo**”, disse: “**Senhor Jesus, recebe o meu espírito**”. Mas ainda assim, esta não é a perfeição da Igreja. O Espírito que Deus nos deu é apenas a garantia da casa “**eterna, nos céus**” (2 Coríntios 5). O trono do Filho do Homem é a herança dos santos e a glória pela qual a Igreja espera. Mas esse lugar de glória ainda não está preparado, como está o lugar do espírito daqueles que partem no Senhor. Pode ter havido visões dele, como no monte santo, mas ainda se baseia apenas em visões; mas ainda é a esperança há muito adiada. Cristo espera por ele à Sua destra, e o Espírito e a Noiva dizem: Vem. Toda a criação gême por ele. Mas ele ainda é aguardado. Contudo, amados, a palavra é: esperem por ele – certamente virá e não tardará.

Muitos a quem amo profundamente no Senhor podem não concordar comigo nessas coisas. E certamente sei que conhecemos apenas em parte e, portanto, apenas em parte podemos profetizar. Mas podemos ser cooperadores para a alegria uns dos outros, e assim o Senhor tem determinado. Não obstante, irmãos, tenhamos cuidado para que o temor de Deus não nos seja ensinado por mandamentos de homens. Tenhamos cuidado com a obediência na carne; antes, vigiemos para que façamos o que fazemos no poder da comunhão com o Senhor. E em todo o conhecimento ampliado que nos for transmitido por outros, tenhamos a graça de provar tudo por uma consciência exercitada diante de nosso Deus e inquirir a verdade como em Sua presença. Que assim seja com os Teus santos, Senhor bendito, cada vez mais! Amém.

Epístolas Gerais de Paulo

Nos Atos dos Apóstolos, lemos sobre o trabalho de um *evangelista*; nas epístolas, sobre as instruções de um *mestre*, dirigidas àqueles que já foram alcançados pelo evangelista.

Digo isso como a diferença característica entre os dois escritos; e, portanto, muito apropriadamente, os Atos dos Apóstolos vêm antes, ou têm precedência sobre, as *epístolas* dos Apóstolos.

Mas, por outro lado, cada epístola tem suas próprias características distintas. E, de modo geral, isso é fácil de perceber, e é isso que farei agora, ainda que brevemente, no que diz respeito às epístolas de Paulo às diferentes igrejas.

Na Epístola aos *Romanos*, encontramos um relato completo e ordenado sobre o evangelho, o mais precioso mistério ou conselho e caminho de Deus, pelo qual Ele providenciou para pecadores miseráveis e arruinados por si mesmos, manifestando a Sua própria glória, assegurando a santidade e excluindo a vangloria, ao mesmo tempo em que coloca o pecador que crê em Jesus no relacionamento mais elevado e querido Consigo mesmo. Isso é feito nos capítulos 1 a 8. Em seguida, nos capítulos 9 a 11, temos um volume maravilhoso sobre verdades proféticas ou dispensacionais; e, por fim, exortações morais aos santos, dirigidas a eles de forma pessoal e abrangente.

De forma muito apropriada, esta primeira epístola cumpre o ofício de *mestre*. Aos que já foram vivificados, o Espírito, por meio de Paulo nesta epístola, ensina o caminho de Deus com maior perfeição. Esta é a Epístola aos Romanos.

Nas Epístolas aos *Coríntios*, que se seguem, somos apresentados às corrupções nos santos e às repreensões, admoestações e correções do Espírito no apóstolo.

Os coríntios eram um povo escolástico e racional, mais saduceu do que farisaico na tendência de sua mente (se me permitem falar dos gentios na linguagem dos Judeus). Eles foram tentados a tirar proveito dos dons que desfrutavam; usando-os para se exaltarem a si mesmos, em vez de ministrarem para a edificação de seus irmãos. Haviam caído em um triste estado de relaxamento moral e discussão especulativa de doutrinas, caminhando rapidamente para a ruína; e haviam sido enganados por alguém que tinha vantagens na carne, em suas circunstâncias e condições mundanas, e que estava desviando a atenção deles de Paulo para si mesmo.

Essa situação pode ser constatada nas duas epístolas que lhes foram dirigidas. E a confrontação dessa situação, bem como a resposta a certas perguntas que lhe haviam sido enviadas (por curiosidade, ao que parece, típica de um intelecto coríntio), constituem o conteúdo dessas epístolas.

Mas a corrupção opera de diversas maneiras. O homem de Deus precisa estar atento a partir de muitas torres de vigia, se quiser conhecer, como ele deveria, todas as aproximações do inimigo.

Portanto, na *Galácia* vemos uma forma de corrupção muito diferente daquela que vimos em Corinto. Não havia judaização em Corinto – nenhum fermento do fariseu, como mencionei, mas muito do fermento do saduceu; sim, e também de Herodes, que é mundanismo. Mas entre os irmãos da Galácia, por outro lado, era o fermento do fariseu que estava agindo, e agindo poderosamente.

A religião das ordenanças havia sido reavivada entre eles. A lei, em algumas de suas formas sutis, foi retomada. Buscava-se uma aparência de perfeição na carne. Tendo começado no Espírito, agora seriam aperfeiçoados na carne. Eles observavam dias, meses, tempos e anos – os rudimentos do mundo, os elementos da economia legal; e o apóstolo temia isso. Ele precisava trabalhar novamente por eles, para que Cristo pudesse novamente ser tudo para eles, “**formado**” neles; e para que

escapassem dos fascínios e embaraços de um santuário carnal e mundano.

Na Epístola aos *Efésios*, encontramos uma outra condição de coisas, inteiramente diferente. Não se trata de um estado de relativa ignorância que necessitava de instrução ordenada, como a que encontramos em *Romanos*; nem de um estado de relaxamento moral, como o contemplado na Epístola aos *Coríntios*; nem de um estado de erro doutrinal que se aproxima do abandono de Cristo, como na *Galácia*. Tudo está bem, calmo e sem distrações em *Éfeso*, pelo menos até onde a epístola pressupõe; e, consequentemente, o apóstolo está livre para revelar verdades mais profundas e elevadas aos santos ali presentes. E é isso que ele faz. Ele expõe as prerrogativas do nosso chamamento em Cristo, desvendando o mistério da Igreja e dirigindo-se aos santos quanto aos seus deveres, serviços e virtudes de acordo com esse chamamento, e quanto ao seu relacionamento uns com os outros.

Nesta epístola, portanto, vemos antes o *profeta*, aquele que, sob a inspiração do Espírito Santo, revela as profundezas de Deus e assume esse lugar e essa importância entre os dons; como lemos: **“E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”**. Certamente tudo foi *inspiração*, mas isso assume, nesta epístola, a forma de um profeta.

Na Epístola aos *Filipenses*, encontramos em Paulo o *pastor*. Havia um vínculo pessoal muito afetuoso entre ele e eles. Pessoalmente, creio que os filipenses eram os mais próximos de Paulo, assim como João fora do Senhor. Acima de todos, os filipenses se comunicaram com Paulo do início ao fim, durante sua pregação no exterior e agora em sua prisão. O coração de Paulo era profundamente afeiçoadão a eles. Mas ele tinha motivos para temer que algumas desavenças tivessem começado entre

eles, alguns ciúmes pessoais, reservas e distanciamento (infelizmente, algo muito comum até hoje!); e Paulo lhes escreve uma carta pastoral com essa apreensão no seu coração. Contudo, devido à sua intimidade com eles e à proximidade da comunhão entre eles; devido ao amor que sentia por eles e à graça que neles havia, ele lhes escreve com notável ternura e consideração. Em nenhuma outra epístola encontramos uma expressão tão fervorosa de afeição pessoal.

E sendo pastoral em vez de instrutiva, não há ordem de pensamento doutrinário nesta epístola. Ela foi escrita segundo um método mais livre.

Na Epístola aos Colossenses, que vem em seguida, vemos um povo que, assim como os Gálatas (pelo menos em certa medida), havia sido enredado por princípios judaizantes. Mas, no caso deles, isso não se dava de forma tão grosseira quanto entre os Gálatas. Esses princípios estavam afastando os santos da Galácia daquela fé simples no Senhor Jesus, que nós, *pecadores*, devemos ter n'Ele; esses mesmos princípios estavam impedindo os santos de Colossos de fazer uso de Cristo e de prosseguir com Cristo da maneira como os *santos* devem fazer. O apóstolo, portanto, muito oportunamente, os instrui sobre a plenitude de Cristo; advertindo-os (como era necessário), mas também ensinando-lhes sobre a perfeição deles n'Ele, que eles não precisavam de nada além do que podiam obter n'Ele; e que, tendo começado com Ele, deveriam prosseguir com Ele; estando enraizados n'Ele, assim deveriam ser edificados n'Ele.

Aqui temos o pastor e o mestre juntos (sob plena inspiração do Espírito Santo), tanto advertindo como instruindo. Que variedade! Certamente, estas Epístolas aos Romanos, aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses e aos Colossenses nos ensinam quão diversas podem ser as necessidades dos santos, quão profundas as sutilezas de seu inimigo e quantas torres de vigia o Espírito graciosamente ergueu para nosso uso, para que possamos subir nelas e obter vantagem diante das investidas de

nosso adversário. E elas nos ensinam ainda que, se o Espírito de Deus é como um Evangelista em Atos, Ele se manifesta de diversas maneiras, ou preenche Seus vasos nas epístolas, como um Profeta, um Mestre ou um Pastor, de acordo com as necessidades dos santos.

Contudo, ainda temos que considerar as Epístolas aos *Tessalonicenses*. Elas são as últimas na série ou sucessão dessas epístolas gerais de Paulo, ou suas epístolas às igrejas, e têm seu próprio caráter, assim como cada uma das outras.

Nas pessoas a quem são dirigidas, vemos uma fé eminente e distinta – uma fé que foi provada por sofrimentos, além de qualquer outra em nome da verdade,. Consequentemente, elas são muito encorajadoras. O apóstolo, characteristicamente, é um exortador, como eu o chamaria, e nessas epístolas (como diz Romanos 12) “**o que exorta faça-o com dedicação**” (ARA). Ele encoraja a Igreja sofredora dos tessalonicenses, falando-lhes muito sobre a vinda do Senhor, que é o devido e apropriado consolo daqueles que sofrem com Ele e por Sua causa neste mundo mau e rebelde. Não há, portanto, nenhum método doutrinário nessas duas epístolas. Elas são escritas principalmente em espírito de compaixão, segundo a graça de alguém que exortava ou encorajava um povo provado e sofredor. Mas elas transmitem instrução sobre esta grande verdade da vinda do Senhor, além do que os tessalonicenses já haviam alcançado; instrução, também, muito adequada para levar adiante o ministério de conforto e empatia de um exortador, como o apóstolo é nessas epístolas.

Contudo, em meio a tudo isso, ele precisa erguer uma nova torre de vigia. Precisa advertir seus honrados tessalonicenses para que não permitam que “**a bem-aventurada esperança**” (a vinda do Senhor) seja corrompida ou deturpada entre eles. Pois é verdade, e não é incomum, que as melhores coisas, assim como as melhores pessoas (falo como homem), ainda estejam em perigo. Não havia um grupo de santos mais renovado, promissor e

abundante em bem-aventurança do que os da Galácia. Eles teriam dado seus próprios olhos por Paulo. Mas, quando ele lhes escreveu, teve que repreendê-los severamente e dizer-lhes na cara que estava em dúvidas quanto a eles. Portanto, não há verdade mais preciosa para o santo do que aquela que os tessalonicenses sustentavam: a perspectiva da vinda do Senhor e o anseio da alma por ela. Mas até isso estava em perigo, para que a carne não se aproveitasse disso e a corrompesse, e os santos que a possuíam, e a amavam não se tornassem ociosos e negligentes quanto ao dever presente e à honesta e necessária diligência. Assim, aqui, digo novamente, temos outra torre de vigia erguida e outra voz de advertência levantada em meio às corrupções pelo Pastor de Israel, que jamais tosquenejará nem dormirá, mas vela pelo Seu rebanho dia e noite.

Assim, decidi examinar rapidamente as epístolas gerais de Paulo: refiro-me às suas epístolas dirigidas às congregações ou igrejas de santos, e não a indivíduos, como Timóteo, Tito e Filemom. Cada uma delas, como posso afirmar após analisá-las, serve a um propósito específico; mas o homem de Deus necessita de todas elas, vivendo, como deve viver, de toda palavra que procede da boca de Deus.

O caráter do autor destas epístolas transparece em cada uma delas, e a atitude de sua alma, por assim dizer, é sem dúvida moldada pela condição da Igreja à qual se dirigia. Ele *ocupa a posição de mestre* ao escrever aos Romanos. É o *pai espiritual aflito* ao se dirigir aos Coríntios. É o *reprovador veemente, zeloso e indignado* ao escrever aos Gálatas, resgatando e defendendo um tesouro precioso e valioso que ele percebeu que estava em perigo nas mãos daqueles que deveriam tê-lo guardado e protegido. Ele está no alto, *sentado em um mundo de Glórias*, contemplando-o e pensando no amor que o trouxera até ali, ao escrever aos Efésios. É o *amante sincero* dos Filipenses, temeroso da menor coisa que ameaçasse manchar ou perturbar um povo tão amado. É o *vigia ansioso* no meio dos Colossenses. E ele é o

conselheiro e consolador profundamente interessado e compassivo, enquanto escreve suas cartas aos Tessalonicenses.

O estilo e o espírito que se adequariam a esses diferentes caracteres, ou a essas diferentes atitudes de alma, podem ser descobertos no apóstolo, conforme ele escreve. E tudo isso certamente nos mostra que, por meio do Espírito, ele estava atento ao seu tema, bem como o dominava – não um mero escritor, mas um escritor vivo. E isso me faz lembrar das palavras de outro autor, que muito me regozijei anteriormente. Falando dos diferentes escribas, de Moisés a João, empregados pelo Espírito de Deus para a escrita das Escrituras, ele diz: “*Estamos longe de ser indiferentes a esses traços humanos que se acham por toda parte impressos nas Escrituras Sagradas. É com profunda gratidão e crescente admiração que consideramos esse caráter vivo, real, dramático e humanitário que resplandece com tanto poder e beleza por todo o Livro de Deus. Temos a simplicidade sublime e inulta de João; a energia comovente, intensa, inspiradora e argumentativa de Paulo; o fervor e a solenidade de Pedro; a grandeza poética de Isaías; a lira de Davi; as narrativas engenhosas e majestosas de Moisés; a sabedoria sentenciosa e régia de Salomão. Sim, é tudo isso. Foi Pedro, Isaías, Mateus, João ou Moisés, mas foi Deus. É Deus Quem nos fala; mas moldado em forma terrenal, também é homem. É homem, mas também é Deus. Quão grandemente nos encanta essa abundante humanidade e toda essa personalidade com a qual a divindade das Escrituras está revestida, lembrando-nos de que elas são a expressão da comovente voz do Salvador de nossa alma, Ele próprio possui um coração humano no trono de Deus, embora assentado nas alturas, onde os anjos O servem e O adoram para sempre.*” E ele acrescenta: “*Assim deveria ser a Palavra de Deus; como Emanuel; cheia de graça e verdade; ao mesmo tempo no seio de Deus e no coração do homem; poderosa e compassiva; celestial e humana; exaltada e humilde; imponente e familiar; Deus e homem.*”

Confesso que muito me agrado disso. Mas acrescentarei agora apenas mais uma coisa, ao encerrar esta breve palavra sobre as

epístolas de Paulo às igrejas. É segundo o padrão da graça divina, desde o princípio, esperar com paciência pelo homem. Essas epístolas são um testemunho mais pleno disso. O Espírito de Deus está esperando pelas igrejas, encontradas, como estavam, em diferentes formas de erro e perigo, buscando recuperá-las, corrigi-las e restaurá-las; assim como a mão de Deus estava fazendo nos primeiros dias de Israel, como vemos no Livro dos Juízes, e novamente (com a casa de Davi) em 2 Crônicas; e também como o próprio Senhor Jesus vinha fazendo com a Sua geração no Evangelho segundo Mateus, aguardando em paciente ministério a adoração ao Senhor. E assim é nessas epístolas. O mal e o erro estão presentes nas igrejas; mas o Espírito, por meio do apóstolo, admonesta, repreende, instrui, se porventura puder restaurar. A escavação e a adubação continuam. Mas há medida até mesmo na paciência de Deus. A justiça exige isso; e assim, na Segunda Epístola a Timóteo, podemos ver a casa, a grande casa (em certo sentido, a casa de Deus), arruinada e rejeitada. Mas **"O conselho do SENHOR permanece para sempre; os intentos do Seu coração de geração em geração"**. O vaso se estraga na roda, nas mãos do Oleiro; mas o Oleiro, em Seu direito soberano sobre o barro, faz outro vaso como Lhe aprouver.

Nota: Permitam-me acrescentar, para que não haja mal-entendidos, que quando me refiro ao apóstolo como mestre em uma epístola, como pastor em outra, como profeta em outra, e assim por diante, quero dizer simplesmente que a inspiração que o preenchia e guiava em cada pensamento e palavra, lhe conferia, em cada ocasião, o caráter que era adequado a ela. Ele escrevia não apenas como *alguém com dom*, mas como *alguém inspirado*. Disso eu tenho certeza e reconheço.

Romanos

Logo no início desta epístola, nos é dito que o que Deus busca do pecador é “**a obediência da fé**”. Poderíamos julgar, religiosamente, que o amor e seus serviços seriam mais aceitáveis para Ele. Mas não é a conformidade com a *lei* nem a demonstração de *amor* que Deus espera de nós, pecadores perdidos, mas sim “**a obediência da fé**”. E, ao refletirmos sobre isso, percebemos que esta é a única forma de obediência que um pecador pode prestar e que Deus aceita. Ele é honrado como *Salvador* pela nossa fé, e isso Lhe confere uma glória mais rica do que qualquer honra que pudéssemos ter prestado pela conformidade aos Seus estatutos como *Legislador*, pois ela O reconhece e O honra tal como Ele Se revela na graça do evangelho, e, ao obedecê-Lo, assim O honramos a Ele próprio. Os primeiros capítulos da nossa epístola abordam este tema grandioso, tratando da fé que desperta pela primeira vez em um pecador. E como o capítulo 1:5 continua a narrar, essa obediência da fé que o pecador que recebe o evangelho presta a Deus é “**pelo Seu Nome**”, o que certamente indica como a Sua glória está envolvida nisso, e que é a mais bem-vinda honra que o Seu Nome pode receber de um pecador arruinado que está sendo conduzido, por meio da reconciliação que é proclamada no evangelho, de volta a Si mesmo. E aprendemos ainda com essas palavras iniciais de nossa epístola (v. 17) que essa fé assim exercida possui a mais alta dignidade de que uma criatura é capaz, isto é, “**a justiça de Deus**”. A criatura não pode estar revestida de dignidade mais maravilhosa do que esta.

É nessa conexão que aprendemos, no capítulo 3:22-26, que o Objeto ao qual a fé se apega para obter essa justiça divina é “**Jesus**” e o Seu “**sangue**”. Um Salvador crucificado é sempre o Objeto que a fé apreende e a Quem ela se apega. Aprendemos ainda que “**a justiça de Deus**”, na qual este pecador crente se

encontra, é encontrada “**pela fé em Jesus Cristo**” e é “**para todos e sobre todos os que creem**”. É uma grande bênção saber disso. Se Deus recebe a Sua mais alta glória vinda da fé de um pecador, esse pecador recebe vinda de Deus a mais alta dignidade que é possível um homem possuir. Isso o torna o que ele é. Isso o coloca em sua devida forma e personalidade diante de Deus. E a fé no sangue de Cristo apreende isso. Sob o olhar da fé, Deus estabeleceu uma propiciação – um propiciatório. A fé, permanecendo ali, aprende que Deus é Justo e, ao mesmo tempo, Justificador. Seu trono é mantido em justiça pelo sangue que ali é aspergido. A morte do Filho de Deus deu àquele trono tudo o que ele exigia, consumando a reconciliação ao manter a justiça e, ao mesmo tempo, respondendo pelo pecado. E assim, o Deus bendito, no evangelho da Sua graça, proclama que foi encontrada plena satisfação para atender a todas as Suas justas exigências sobre o pecador. A justiça clamava por juízo sobre o pecado, mas a graça provê ao pecador um abrigo no propiciatório manchado de sangue. E a fé faz uso dele. Ela aceita o dom de Deus. O pecador que crê invoca a Sua resposta e é salvo. E assim é que a fé se torna o primeiro elo entre Deus e a alma.

Esta doutrina nos expõe e nos humilha, pois revela quão incuravelmente e irremediavelmente maus somos em nós mesmos e sob a lei. Ela “exclui a jactância (vangloria)”, pois, embora nos assegure que somos feitos “**justiça de Deus**”, que temos o lugar de “**filhos**”, com paz, graça e gozo presentes, com a possessão do amor de Deus em sua plenitude imensurável, não deixa espaço para o pecador se vangloriar, pois tudo vem da graça. Assim, ao mesmo tempo que nos concede, também nos nega. Estes são alguns dos grandes fatos que nos são ensinados nos capítulos 1 a 5 desta epístola. Tudo isso manifesta e glorifica a Deus, e ao mesmo tempo revela as glórias morais desta preciosa doutrina da fé. O evangelho apresenta Deus na plenitude de Sua graça e justiça combinadas a toda a Sua criação nas mais elevadas formas de glória moral. Revela-O como o Autor de toda a obra e o Herdeiro de toda a glória. E O apresenta assim tanto a

Judeus quanto a gentios. Pois, em resposta à pergunta: “**É porventura Deus somente dos Judeus?**” A palavra é: “**Também dos gentios, certamente**”. Essa verdade da justificação pela fé nunca é tratada como uma mera proposição escolástica. É a religião da confiança pessoal e imediata em Deus, de um pecador convicto, desfrutada por um título que o próprio Deus escreveu para ele.

Em **Romanos 3-4**, a morte de Cristo é apresentada como consumando a reconciliação e mantendo a justiça ao responder pelo pecado, e o pecador que se apega a isso é justificado. O capítulo 5 o coloca em paz diante de Deus, dando-lhe acesso a um estado presente de graça e proporcionando uma esperança segura de glória. Apresenta uma razão pela qual ele pode se gloriar nas tribulações do caminho; o introduz ao amor perfeito de Deus, fala sobre seu interesse na vida presente de Cristo após a morte e revela o próprio Deus como a fonte de seu regozijo.

Romanos 6-8 narra a libertação do pecador crente do *pecado* como senhor, da *lei* como marido e da *carne* como lei do seu ser. Em nosso estado não regenerado, o pecado era nosso senhor e nós seus servos voluntários. Mas a morte dissolveu o vínculo e libertou o cativo, “**porque aquele que está morto está justificado do pecado**”. O antigo senhor não tem mais poder sobre nós. Não somos mais seus servos. Este é o maravilhoso ensinamento do capítulo 6. E no capítulo 7, o crente, como alguém que morreu e ressuscitou com Cristo, é liberto da lei como marido. Pois a lei se dirige àqueles que estão vivos na carne, mas o crente, tendo morrido com Cristo, está livre de suas exigências e agora age sob as virtudes d'Aquele a Quem, na ressurreição, está unido. No capítulo 8, ele é visto “**em Cristo**”, onde não há condenação; liberto da lei do pecado e da morte, não mais “**na carne**”, mas em Cristo, com o Espírito de Deus habitando nele, vivendo em triunfo, “**mais que vencedor**” por meio d'Aquele em Quem agora está diante de Deus. Assim, nesta epístola, temos a glória moral do evangelho de Deus exposta e comprovada, com seus benditos

resultados para a fé evidenciados na condição presente de todos os pecadores que creem.

O propósito desta grande epístola, ao menos em suas partes doutrinárias, é expor as excelências da *graça de Deus* e daquela fé no pecador que apreende e desfruta das bênçãos que a graça traz.

Em Romanos 1-8, vemos o conselho divino e o caminho de Deus expostos, nos quais pecadores perdidos são trazidos de volta a Deus e colocados em paz diante d'Ele, em íntima comunhão Consigo mesmo, tudo pela graça. E a linguagem ao final desta seção da epístola é um triunfo da consciência em virtude das *riquezas da graça de Deus* e da obra de Cristo.

Em **Romanos 9-11**, onde somos instruídos nos conselhos e na sabedoria de Deus em Seus atos dispensacionais, o entendimento alegre e instruído dos santos triunfa sobre as *riquezas da sabedoria* e do *conhecimento* de Deus. Assim, quer seja o segredo da paz que o sangue de Cristo comprou e o relacionamento que a graça concede, seja a glória que a graça coloca diante dele, tudo é de Deus e tudo é da graça sem limites.

1 Coríntios

Os santos de Corinto, embora ricamente dotados de conhecimento e com os dons do Espírito abundantemente exercidos entre eles, haviam se tornado **"carnais"**. Estavam dando vazão à sua mente e aos seus gostos humanos. Um apreciava a ousadia natural de uma certa classe de mestres, outro admirava a eloquência mais suave de outros; haviam permitido que a mente natural deles guiassem seus pensamentos e usassem sua língua. Um dizia: **"Eu sou de Paulo"**; outro, **"Eu sou de Apolo"**. Tudo isso era andar **"segundo os homens"** e se gloriar na carne. O apóstolo, portanto, expõe a inutilidade da carne e sua incapacidade por meio de vários testemunhos. Primeiro, pela *Escritura*, que diz de toda a sua sabedoria: **"Onde está o sábio? Onde está o escriba?"**. Segundo, pela *Cruz* de Cristo, que, quando apreendida corretamente, mostra o fim da carne. Terceiro, pelo *evangelho*, que ele havia pregado entre eles, que demonstrava que a sabedoria da carne havia se provado **"loucura diante de Deus"**. Em quarto lugar, pelos materiais com os quais Deus formou a *Igreja* em Corinto – **"que não são muitos os sábios... nem muitos os nobres"** da Terra que foram chamados. Tudo isso os gregos, com seu amor natural pelo aprendizado, haviam esquecido. O apóstolo, como pregador, não havia vindo entre eles dessa maneira. Ele não havia satisfeito seus gostos carnais, nem no conteúdo nem na forma de seu ministério entre eles. Sua mensagem era **"Cristo crucificado"**, que é o fim da carne. Seu ministério não se baseava na sabedoria carnal, mas no poder do Espírito de Deus. Por essa razão, os homens – os príncipes do mundo – homens em seu mais alto nível de refinamento e civilização, não haviam recebido a mensagem.

Toda a sua "glorificação na carne" era, portanto, inconsistente com tudo o que haviam ouvido dele como seu "pai em Cristo". Eles estavam se entregando ao espírito de reis na Terra, enquanto

aquele que os havia gerado por meio do evangelho era um estrangeiro e enfrentava a oposição daqueles que tinham a mentalidade com a qual eles se gloriavam. Em tudo isso, eles provaram que estavam se entregando aos seus gostos naturais e andando “**segundo os homens**”. Eles precisavam ser repreendidos e restaurados a uma energia renovada de vida espiritual da qual haviam se afastado. Também haviam se tornado moralmente negligentes. Se a parte intelectual de sua natureza havia sido satisfeita, assim o seu senso moral havia se tornado frouxo, como nos informa o capítulo 5. Estavam descansando tranquilos enquanto o pecado reinava em seu arraial. Acã estava lá, mas nenhum Josué havia chorado. Permitiam o mal sem que houvesse um Fineias para agir em nome de Deus para purificar a congregação. Tudo isso era maldade: revelava um baixo estado espiritual e falta de zelo pela honra de Deus entre eles.

No capítulo 6, eles demonstram o quão pouco exerciam suas funções no Senhor e suas faculdades no Espírito, no julgamento de seus irmãos, embora, em perspectiva, fossem chamados a julgar homens e anjos.

No capítulo 7, eles fizeram perguntas que demonstravam a curiosidade e o intelecto de um povo, em vez de uma espiritualidade. O apóstolo responde a essas perguntas de uma maneira que revela o quão pouco eles se comportavam como um povo celestial, vivendo acima do nível do mundo. Ele lembra a eles que “**o tempo se abrevia**” e que “**a aparência deste mundo passa**”.

Nos capítulos 8 a 10, o apóstolo os acusa de falta de consideração uns pelos outros, agindo por conta própria, como pessoas que falam, e não segundo os princípios da graça. Eles se entregavam aos prazeres que seu *conhecimento* lhes permitia, sem se preocuparem suficientemente com as exigências do *amor*. Isso era mais uma prova de uma condição de alma relaxada. O conhecimento, e não o amor, guiava seus caminhos, e isso sempre testemunha uma acomodação egoísta e uma indulgência

carnal, tão contrária à energia de uma vida no Espírito. E assim, em meio a uma solene exortação sobre esse assunto (caps. 9 e 10), ele usa as palavras: "**Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia**" (ARA). Ele os chama a uma vigilância e energia renovadas na corrida, lembrando-os de que, embora todos corram, "**um só leva o prêmio**", e os exorta a correrem "**de tal maneira que o alcanceis**", e não serem "**reprovados**" por falta de disciplina própria.

No capítulo 11, o apóstolo trata da maneira como eles observavam a ceia do Senhor. Aqui, novamente, eles haviam se tornado relaxados e indulgentes consigo mesmos, vivendo segundo a natureza, sem esperar uns pelos outros, mas cada um comendo a sua própria ceia, um com fome, outro embriagado; deixando de considerar o que era devido ao Senhor.

Os capítulos 12 a 14 mostram como, sendo um povo grego e intelectual, outra questão se tornou uma armadilha na qual caíram. Os dons espirituais passaram a ser valorizados de acordo com sua atratividade, em vez de seu valor para a edificação. Eles os usavam para uma mera demonstração de poder e como ocasião para rivalidade, permitindo assim que o inimigo pervertesse seu uso. O dom de "**línguas**" era exercitado sem levar em conta seu verdadeiro valor para a edificação piedosa. Tudo isso era mal, tinha o cheiro da carne, não do Espírito.

No capítulo 15, eles são acusados de transformar o mistério da resurreição em assunto de filosofia especulativa. O relaxamento da alma e a indulgência na liberdade da mente carnal se manifestam em tudo isso e suscitam a repreensão do apóstolo e sua exortação vigorante para "**Vigai justamente [Acordai para a justiça** – AIBB]" e retornar ao conhecimento superior de Deus, abandonando as más conversações que os corrompiam.

No capítulo 16, ele os exorta, dizendo: "**portai-vos varonilmente**", e a agirem com a energia e a graça de uma mente superior, segundo a lei do amor. E se a arrogância grega os tentasse a desprezar Timóteo por causa de sua juventude e falta de

ensinamentos clássicos, como eles naturalmente valorizavam, eles são advertidos a não o desprezarem, pois ele tinha credenciais superiores como alguém que havia sido diligente na **“obra do Senhor”**, seguindo o próprio exemplo do apóstolo. Com notável aprovação, ele menciona a **“casa de Estéfanos”**, cujos membros haviam se dedicado **“ao ministério dos santos”** com verdadeira energia – uma exceção notável à condição geralmente relaxada dos santos em Corinto.

A epístola como um todo é valiosíssima, não apenas por nos orientar em situações que ainda podem surgir entre os santos, mas também por mostrar, de modo geral, o quanto o Espírito zela para que caminhemos com diligência espiritual, não segundo a carne ou conforme os costumes do mundo, mas como os santificados em Cristo, na confissão do Seu Nome como Salvador e Senhor.

2 Coríntios

Em meio aos temores e advertências do Espírito a respeito das Igrejas, podemos observar que Ele está alarmado por elas por diversos motivos, expressos em diferentes epístolas e por diferentes apóstolos.

1. Ele os adverte especialmente a respeito do Judaísmo, isto é, da *religiosidade*, ou da observância de ritos e ordenanças. Esse temor é expresso nas cartas à Galácia, a Colossos e a Filipos.
2. Ele teme por eles em relação à atuação de uma mente *infiel*, a mente que, corrompida pelo raciocínio, nega os mistérios. Isso é visto em 1 João 4:1; 2 Pedro 3:3-4.
3. Ele também teme por eles devido ao abuso da graça, ou *licenciosidade*, a negação prática da piedade enquanto se vangloriam da graça e da liberdade. Isso é visto em 2 Pedro 2 e em Judas.
4. Ele também teme o *mundanismo*.

É essa última característica do temor que preenche a mente do Espírito em relação aos santos ou às Igrejas, e que molda o ministério apostólico, que me chamou a atenção em relação a 2 Coríntios.

Trata-se de um tipo específico de temor. Não é uma apreensão de religiosidade, infidelidade ou licenciosidade corrompendo as Igrejas; é algo formalmente distinto de cada uma dessas apreensões. O estilo grego pode ter exposto os coríntios especialmente a uma simples atração *mundana*, às pretensões de um homem de refinamento, posição e independência, que possuía muito na carne; isto é, por natureza e por circunstâncias, que era atraente e ostentoso. Isso era mundanismo.

O temor em relação a Corinto não se devia à influência religiosa ou judaizante. Tampouco era (pelo menos na segunda epístola) proveniente da ação de uma mente infiel, ou dos caprichos de uma natureza impura e lasciva, mas sim ao “**deus deste século [mundo – TB]**” que o apóstolo temia.

Um certo homem parece ter ganho atenção, alguém que possuía muito mais, tanto por natureza quanto por circunstâncias, do que o apóstolo; e os santos de Corinto foram movidos com isso. Ele era, creio eu, como se diz na linguagem moderna, um cavalheiro. Tinha uma bela aparência e uma fortuna independente. Possuía muitas vantagens desse tipo; e os coríntios estavam sob essa má influência – em certa medida, haviam sido enganados. Estavam olhando para as coisas segundo a aparência exterior. Estavam tolerando um homem que se vangloriava de si mesmo, que os dominava e que se aproveitava de algumas vantagens mesquinhas e mundanas que possuía por natureza e circunstâncias para se sentir importante.

Tal era a má condição contra a qual o apóstolo teve que contender. A afeição e a confiança em relação a ele haviam diminuído em certa medida, pois ele não possuía tais vantagens para se vangloriar. E certamente ele tinha a firme intenção de não se envolver com tais coisas. É verdade que ele seria *independente*, assim como era o outro, mas isso deveria advir do seu *trabalho com as próprias mãos*, não de *rendimentos da fortuna*, como costumamos dizer. E embora tivesse certas coisas das quais poderia se orgulhar na carne, ele se gloriaria, antes, em suas fraquezas. Ele seria “fraco em Cristo”, isto é, em comunhão com Aquele que foi “**crucificado em fraqueza**”, para que toda a sua força fosse espiritual, ou seja, a força que vinha da ressurreição.

Esse homem aproveitou-se das vantagens naturais que possuía, atribuindo a si a importância e o valor que tais coisas têm no mundo. E alguns dos santos foram corrompidos. Mas contra tal associação, Paulo protesta pois, no capítulo 6, ele diz: “**Não vos prendais a um jugo desigual**”. E o modo de agir de Paulo é

exposto mais detalhadamente nos capítulos 10 a 12, apresentando o seu próprio caminho como contrário ao do desse homem.

E ao fazer isso, ao se oferecer como testemunha prática de um caminho diferente daquele do homem do mundo, podemos notar estes detalhes:

1. O apóstolo se recusa a conhecer a si mesmo, ou a ser conhecido pelos santos, a não ser segundo a sua *medida no Espírito*, e não como era por natureza ou na carne.
2. Ele se gloria apenas em suas *fraquezas* ou em *dignidades que o separam de toda estima mundana*, como seu êxtase no paraíso; pois o mundo não entenderia tal honra.

O apóstolo se apresenta como alguém assim, em contraste com o homem que se gloriava na carne. Bem podemos entender quão difícil é segui-lo por um caminho tal como esse, na disposição de ser fraco para que possamos ser fortes; em sua decisão de conhecer a Cristo na fraqueza da Sua cruz, para que toda a força que ele conhecesse pudesse ser como a da ressurreição (2 Coríntios 13:4).

Ouso dizer que alguns foram tentados a menosprezar o ofício ou apostolado de Paulo, porque ele não tinha a mesma vantagem, segundo a carne, que os outros apóstolos tinham. Ele não havia estado com o Senhor nos dias da Sua carne; e em sua *própria carne* ele tinha um espinho. Isso pode tê-lo exposto ainda mais à observação daqueles que julgavam segundo a carne. Mas o apóstolo estava disposto a que seu ministério ou ofício permanecesse *sem o reconhecimento de nada que o mundo pudesse apreciar*. Ele valorizava apenas o poder de Deus, o poder do Espírito que acompanhava seu ministério e que era capaz de influenciar corações e consciências, poder que o ligava ao Senhor na vida ou ressurreição.⁵

Todos os sinais de fraqueza segundo a avaliação humana se reuniram ao redor do bendito Senhor no dia de Sua crucificação: a

deserção e a negação por parte daqueles que deveriam ter permanecido com Ele, a inimizade do homem em todas as formas em que pôde se expressar, o abandono de Deus, toda a malícia e o propósito de Satanás. Essa foi a plena demonstração de tudo o que havia de fraco, miserável e desprezível na avaliação do mundo. Ninguém estava a favor de Jesus, tudo estava contra Ele, e até mesmo a natureza parecia se unir contra Ele. Mas Paulo desejava que seu ministério estivesse em plena sintonia moral com o d'Ele.

De um modo geral, quanto a esta epístola, eu diria que ela poderia se distribuir da seguinte forma:

Capítulos 1-2:13. Nesta passagem, o apóstolo fala sobre suas provações no evangelho e responde às objeções feitas a ele por não ter visitado Corinto uma segunda vez.

Capítulos 2:14-7:4. Isto é um parêntese. O apóstolo apresenta seu ministério em várias de suas características.

Capítulo 7:5-16. Aqui o apóstolo retoma e continua o ponto de onde havia parado no capítulo 2:13. Ele expressa seu regozijo nos coríntios e na graça que havia neles.

Capítulos 8-9. Isto é bastante incidental.

Capítulos 10-13. O grande e principal propósito da epístola ocupa estes capítulos. O apóstolo contempla o caminho de um certo mestre prejudicial que havia adquirido influência em Corinto, e insinua o fruto dessa influência; em grande medida, também, exibindo seu próprio caminho como um mestre, em contradição com aquele que então corrompia os santos.

Acredito que isso pode ser lido como uma análise geral da epístola.

Gostaria de observar que o elogio do apóstolo aos coríntios no capítulo 7, anterior à sua ampla e fervorosa repreensão nos capítulos 10 a 13, pode nos lembrar da maneira como o Espírito Se manifesta em Seus discursos às sete igrejas em Apocalipse; pois

em cada uma delas há um início com um elogio e, em seguida (quando necessário), um aprofundamento na repreensão e na condenação.

Gálatas

Creio que poderíamos descrever sucintamente esta epístola da seguinte forma: “**a Escritura**” pelo ministério de Paulo agora, como outrora pela voz de Sara, expulsando a escrava e seu filho da casa de Abraão.

O apóstolo, para isso, primeiro comprova sua autoridade. E ele o faz com perfeição nos capítulos 1 e 2, mostrando que recebeu seu evangelho, pura e imediatamente, do próprio Deus, de uma maneira que não admitia qualquer interferência humana; e que, sob a plena autoridade consciente de um evangelho assim recebido, ele já havia encontrado a escrava e seus costumes na pessoa do apóstolo Pedro em Antioquia, e resistido a ela – comprovando, assim, seu ministério presente em pequena escala, por assim dizer; ou, como Sansão matando o leão a caminho da cova dos filisteus na Galácia, quando encontraria um exército deles.

Além disso, ele usa a experiência da própria alma deles e as vozes das Escrituras referentes a Abraão e à lei como testemunhas adicionais. Ele as utiliza, por assim dizer, para selar sua autoridade para realizar esta grande obra em nome do Senhor (cap. 3). E, mais ainda, ele mostra que o tempo havia chegado plenamente, quando o Senhor havia amadurecido todos os Seus atos dispensacionais até este exato momento de expulsar a escrava e seu filho (cap. 4:1-7).

Nada poderia ser mais perfeito do que uma autorização assim entregue, assim confirmada, assim selada e assim respaldada, se posso falar assim, pelos próprios atos de Deus. O apóstolo, portanto, com total tranquilidade e autoridade consciente, encontra-se na companhia de Sara em Gênesis 21. Assim como ela então conhecia o seu direito, sem licença do seu marido ou um pedido de desculpas a quem quer que fosse, de exigir sumariamente a expulsão de Agar e Ismael da casa, assim

também Paulo faz aqui. Ele mostra o que é a Agar moderna ou mística – que é a religiosidade da mera natureza, ou um sistema de observâncias e ordenanças, imposto ou revivido pelo homem nas igrejas dos santos – essa formalidade de dias, meses, tempos e anos, que gera o espírito de escravidão e impede a formação de Cristo na alma, e aquele espírito de liberdade que Ele sempre traz Consigo. E a expulsão desta Agar, esta escrava, da casa de Abraão, ou das igrejas dos santos, ele exige com a mesma decisão plena e implacável com que Sara exigiu a expulsão de Agar, a egípcia, e de seu filho zombador (caps. 4:8; 5:12).

Mas, se me permitem dizer, a energia do apóstolo supera até mesmo a de Sara. E isso é correto. É correto que, à medida que avançamos nos caminhos e pensamentos revelados de Deus, e passamos do tempo de Gênesis 21 ao tempo de Gálatas 5, encontremos as energias e exigências do Espírito ainda mais amplas e intensas. Frequentemente vemos isso. Estava escrito antigamente: “**Não jurarás falso**” (ARA); mas, em um período posterior, está escrito: “**de maneira nenhuma jureis**”.⁶ Portanto, aqui, as exigências de Paulo são de certa forma maiores e mais intensas do que as de Sara. Ela se contentou com a expulsão de Agar e do menino, mas Paulo exige, além disso, que tudo aquilo que lhes pertencia fosse removido da casa. Ele fará o que puder para apagar todo vestígio de sua antiga residência ali. Ele desejava eliminar por completo toda lembrança deles – os próprios costumes que outrora observavam ali, seus hábitos e modos de vida, e o espírito e temperamentos que nutriam e praticavam; tudo isso ele queria que desaparecesse, assim como eles próprios. Ele purificaria até mesmo o ar que sua respiração e presença haviam difundido. Não apenas a religiosidade da carne ele rigorosamente expulsa da casa, os rudimentos fracos e pobres que mantinham a alma em cativeiro, mas também as obras da carne, seus caminhos morais, suas vanglorias e energias. Sim, e também sua presunção e altivez – seu desprezo por uma pobre alma subjugada, por meio da vã ideia de sua própria segurança. Contra tudo isso, e mais do que isso, Paulo ergue sua

voz, mais do que a de Sara, sem medir esforços para exigir que a escrava, com tudo o que lhe pertence, assim como seu filho, seja expulsa das igrejas dos santos, ou da moderna casa mística de Abraão. E além disso, ele queria que aquela casa aprendesse e praticasse hábitos exatamente opostos e contrários – os caminhos do Espírito e não da carne, as coisas que convêm à nova criatura em Cristo, e não aquilo que era inseparável da carne (caps. 5:13; 6:10).

Ele então nos dá outro testemunho da importância que atribuía a toda essa verdade, escrevendo esta epístola de próprio punho (veja Rm 16:22). Pois a defesa dela exige mais vigor do que a sua publicação (v. 11).

Ele, em seguida, expõe os propósitos morais ou interesseiros daqueles que os estavam conduzindo de volta à circuncisão ou à religiosidade, e ousa apresentar-se como alguém que conhecia o poder do princípio oposto (veja capítulos 1:4; 6:14), com toda a autoridade, também, como vinda de Deus, falando de paz a todos os que se apegavam a esse princípio (vs. 12-17).

E ele conclui com uma despedida apropriada. Pois é o espírito deles que ele encomenda à graça do Senhor (v. 18).

Considero que esses são os principais detalhes desta epístola. E, de modo geral, posso dizer que há nela um tom de peculiar decisão e fervor. O apóstolo sentia como se a própria cidadela estivesse em perigo. Um porta-estandarte em Antioquia quase desmaiara. Ele viera, por assim dizer, ainda sob o impacto daquela visão, e precisava empunhar o estandarte do evangelho com renovado vigor por causa disso, e avançar para a brecha como um homem.

Foi um momento de profundo interesse, e ele não pôde deixar de estar atento a isso. E embora não estejamos comissionados exatamente como ele estava, incumbidos da verdade da dispensação de uma maneira especial (1 Coríntios 9:17), ainda assim estamos como que no cortejo deste grande embaixador,

para termos a mesma mente que ele e não darmos lugar em submissão, nem por um momento, caso as minas que ameaçam a cidadela forem colocadas novamente.

Efésios

O mistério da Igreja é revelado de forma especial na Epístola aos Efésios. Ali, ela é mencionada sob dois títulos que lhe são exclusivos: “**o corpo de Cristo**” e “**a noiva de Cristo**”.

Alguém disse de forma marcante: “*Não é nos céus acima, nem na Terra abaixo, nem nos próprios anjos, por mais brilhantes que sejam as testemunhas do poder criador, que o caráter e os caminhos de Deus se manifestarão nas eras vindouras: é na nova criação redimida em Cristo, na Igreja e pela Igreja, que a multiforme sabedoria de Deus será feita conhecida. Na Igreja, emanação mais brilhante da mente divina, obra-prima da criação de Deus, toda perfeição de luz, glória e beleza será manifestada; caso contrário, ela seria indigna de seu elevado destino como a Noiva. As profundezas e as alturas da graça, do amor e do poder de Deus jamais serão conhecidas pelas hostes celestiais, até que contemplam a Igreja, escolhida dentre a raça arruinada e apóstata de Adão, não apenas trazida à mais íntima e doce intimidade da filiação a Deus, mas exaltada à mais alta dignidade no céu, participante da glória inefável de sua Cabeça ressuscitada.*”

Certamente, essas palavras são boas para a edificação. Mas, além disso, ao desvendar a graça e a glória nesta Epístola aos Efésios (epístola que agora considerarei com um pouco mais de atenção), podemos observar que há uma peculiar acumulação de linguagem, se assim puder me expressar, como se o Escritor (o Espírito) estivesse consciente da singular importância e dignidade do tema que estava abordando. Lemos sobre “**a glória da Sua graça**”, “**as riquezas da Sua graça**”, “**as abundantes riquezas da Sua graça**”, “**o louvor da Sua glória**” e “**o louvor da glória da Sua graça**”. É com esse estilo que os magníficos segredos desta epístola são revelados. O cofre é conforme o tesouro.

E a visão dada do Senhor ascendido é apresentada a nós da mesma forma. Como já foi observado por alguém, Marcos nos diz

que nosso Senhor foi elevado ao céu. A Epístola aos Hebreus nos diz que Ele passou *pelos* céus. Mas esta epístola nos diz que Ele ascendeu *muito acima de todos os céus* (Marcos 16:19 – JND; Hebreus 4:14 – JND; Efésios 4:10 – TB). Que relato variado e maravilhoso d'Ele! Mas o relato de Efésios é o mais magnífico, pois dá ao Filho do Homem o mesmo lugar que é dado ao próprio Deus em Deuteronômio 10:14.

E essa acumulação de linguagem, da qual falei, é preservada no segundo capítulo, onde o Espírito Santo contempla os objetivos dessa elevada vocação, e não, como antes, a natureza da própria vocação. Ele toma conhecimento de nós, pecadores, em duas condições: *mortos e separados*; mortos em nós mesmos e separados de Deus – e então nos Ele vê transformados nas condições opostas de *vida e proximidade*. Mas Ele acumula linguagem, ao tratar dessas coisas, como fizera antes. Os termos são multiplicados, as descrições são repetidas de maneira elaborada, para que todas essas condições às quais somos apresentados, e cada uma delas separadamente, possam ser apreendidas com grande ênfase por nossa alma. O estado de morte em que jazíamos por natureza era terrivelmente completo; o estado de vida para o qual agora somos trazidos é completa e eternamente perfeito. Nossa condição de distância de Deus, na qual a graça nos encontrou, é descrita como sendo tal que nada poderia ultrapassá-la – nossa condição atual de proximidade com Ele é tal que somente o próprio Filho poderia ter desfrutado, por assim dizer, antes de nós.

Mas, ainda mais, a característica da bênção da Igreja é esta: que eles estão *em Cristo*. Os santos de tempos anteriores, como vimos, terão um *destino* celestial; mas a *vocação* da Igreja é celestial, *em Cristo e com Cristo*.

A palavra “**em**” aparece ali de forma notável – e está sempre em “**Cristo**”. No decorrer das maravilhosas revelações ali feitas, aprendemos que, tendo sido vivificados juntamente *com Ele*, agora estamos assentados *nos lugares celestiais n'Ele*.

Tendo ascendido dessa forma, também nos é ensinado que, lá no alto, somos abençoados com todas as bênçãos n'Ele.

E novamente – somos aceitos n'Ele, o Amado – feitos objetos de amor pessoal, bem como abençoados com todas as bênçãos espirituais.

E novamente: N'Ele, Deus fez abundar para conosco em toda a *sabedoria e prudência* [inteligência – JND], revelando-nos os Seus pensamentos e o Seu beneplácito [bom prazer – JND] com relação aos séculos vindouros; dando-nos a posição de amigos.

Assim é conosco agora. Mas essa mesma Escritura olha para o futuro e para o passado, e nos mostra o interesse que tínhamos “**em Cristo**” antes que o mundo existisse, e o que teremos “**n'Ele**” quando o mundo tiver cumprido seu curso. Antes que o mundo existisse, aprendemos que fomos “*escolhidos*” n'Ele e “*predestinados*” à adoção como filhos. E quando o mundo acabar, e as dispensações tiverem concluído sua manifestação e encerrado sua maravilhosa história, aprenderemos que nós seremos herdeiros n'Ele e com Ele nesse grande novo sistema, “**o mundo futuro**”, no qual todas as coisas serão reunidas sob Ele como seu Cabeça.

Este é, de fato, um grandioso tema: nossa eterna porção em Cristo, nossa posição n'Ele, com os conselhos que a estabeleceram antes que o mundo existisse, a elevada condição e prerrogativas em que agora nos coloca, e a porção que nos será transmitida nas eras vindouras. E toda essa excelente herança nos pertence simplesmente porque agora cremos ou confiamos n'Ele.

Mas aquilo que fora assim “*escolhido em Cristo*” desde antes da fundação do mundo, estava “*oculto em Deus*” até ser revelado pelo Espírito aos profetas do Novo Testamento. E a revelação disso completou a Palavra de Deus (Colossenses 1:25 – JND). Foi a revelação final e culminante, feita de modo especial por meio de Paulo, o apóstolo dos gentios. A Igreja é chamada ao mais alto lugar de dignidade, e sua revelação se encontra no último, o mais

recente, lugar nas comunicações de Deus. Sim, a Igreja *foi* revelada por *último*. O apostolado gentio a trouxe à luz. Embora escolhida em Cristo antes do mundo, e escondida em Deus por eras e desde os tempos antigos, agora ela se apresenta revelada, a coroa de todos os Seus propósitos, assim como é a última de todas as Suas comunicações.

Nesta Epístola aos Efésios, o pecador já foi resgatado pelo sangue de Jesus. Os pecados são perdoados – e os santos, assim além do julgamento, são chamados a ouvir, até que a sublime vocação da Igreja em Cristo Jesus, sob as abundantes riquezas da graça de Deus, como a salvação de Deus no Mar Vermelho, se revele aos seus ouvidos. Basta que ouçam. Se falam de responsabilidade, ela é esta: ouvir, aceitar, ser feliz e agradecido, porque tudo isso é o que é, e o Deus de toda a graça é para eles o que Ele é. E o apóstolo, que lhes ensina esses ricos e maravilhosos segredos, apenas ora por eles, para que, ao ouvirem, tenham coração capaz de entender.

Suas orações por eles, seja no primeiro ou no terceiro capítulo, nos dão outros exemplos dessa acumulação de linguagem, da qual já falei, e que é tão expressiva da consciência de ter que tratar com temas e pensamentos de peso e dignidade muito peculiares.

Ao entrarmos no quarto capítulo, deparamo-nos com algo maravilhoso à sua maneira, semelhante ao que já vimos.

O cativeiro do homem sob o domínio da antiga serpente, em Gênesis 3, foi completo. A mentira de Satanás foi aceita, o homem tornou-se pecador, separado de Deus e perdido; o Éden foi perdido, o solo foi amaldiçoado, o homem e a mulher submetidos à punições, e Satanás, como mentiroso e errante, percorria a face da Terra.

Essa história mais antiga do cativeiro do homem é mencionada brevemente em Efésios 4, como um contraste. O próprio capturador, com todo o seu exército, agora está feito cativo (uma

multidão cativa), e o Libertador do homem triunfou sobre ele, expondo-o publicamente, como diz outra passagem semelhante da Escritura (Colossenses 2). Mas esse Libertador provou ser não apenas poderoso dessa maneira, mas também glorioso. Ele preenche todas as coisas. Ele desceu e ascendeu – esteve nas partes mais baixas da Terra, no sepulcro, na própria fortaleza do capturador; e Ele agora está muito acima de todos os céus. E tal Ser, esse Libertador, poderoso e glorioso, tomou sobre Si a responsabilidade de escrever a história ou assegurar a sorte do antigo cativo de Satanás. E isso é maravilhoso, como lemos mais adiante neste capítulo. Tendo realizado a libertação nas partes mais baixas da Terra, Ele agora, nos lugares mais altos, muito acima de todos os céus, recebeu dons para as antigas vítimas da serpente; e os distribuiu; e por meio deles os dotou com as mais ricas porções e as mais elevadas dignidades. Esses dons levaram o antigo cativo do grande inimigo à perfeição; tornaram-no, em um sentido divino e espiritual, independente; deram-lhe segurança contra as astúcias do enganador; e estabeleceram seus recursos *dentro de si mesmo*, por meio do Espírito Santo que lhe foi dado (veja versículos 8-16).

Pode, a princípio, nos surpreender encontrar algo assim – as ruínas do homem em Gênesis 3 sendo assim confrontadas com a restauração do homem em Efésios 4 – o ganho e o triunfo da antiga serpente ali, sendo respondidos e anulados por sua vergonha e derrota aqui. Mas assim é. E a surpresa pode cessar quando nos lembrarmos de que a Epístola aos Efésios, como vimos, é a mais maravilhosa demonstração dos resultados da redenção que a Escritura nos apresenta. Podemos, portanto, esperar encontrar Gênesis 3 confrontado em tal Epístola. É o escrito especial sobre a Igreja que é “**o corpo de Cristo**” e “**a noiva de Cristo**” – o primeiro desses títulos nos dizendo que ela está colocada no *mais alto lugar de honra*; o segundo, nos dizendo que ela também está colocada no *lugar mais querido e íntimo de afeição e relacionamento pessoal*. Ela é feita, além disso, para a criação de Deus, para os principados e potestades nos

lugares celestiais, a grande testemunha, a única testemunha adequada, da graça, da glória e da sabedoria; das abundantes riquezas da Sua graça, do louvor da Sua glória e dos múltiplos recursos e segredos da sabedoria. Ela é isso – e a revelação dela, novamente nos lembramos, completou, ou encheu até a sua plena medida, a Palavra de Deus.

Alguém já observou que o chamado de Deus na antiguidade era para *indivíduos*, para que andassem com Deus, ou para uma *nação* (como Israel), para que observassem os estatutos e cumprissem as leis de Deus, seu Rei. Mas agora, o chamado de Deus é para um *corpo*. Contudo, mesmo assim, a individualidade do santo ainda é contemplada; e a Epístola aos Efésios mantém isso em vista, dirigindo-se a nós de maneira clara em nossas posições pessoal e individual, no capítulo 5.

Esta é uma verdade adequada e oportuna para o final desta maravilhosa epístola. E certamente devemos conhecer nossa posição pessoal, nossa própria perfeição individual, antes de nos ocuparmos com o chamado da Igreja ou do corpo. Assim, em outro lugar, o apóstolo deixa claro aos santos que falaria de tal sabedoria, a sabedoria destes mistérios divinos, somente entre aqueles que são perfeitos (1 Coríntios 2:6). E assim, aqui, em Efésios, somos individualmente escolhidos, predestinados, perdoados, aceitos, instruídos, selados (de acordo com o capítulo 1); E então, somos instruídos a orar para que tenhamos aquele espírito de sabedoria e revelação que nos capacita a aprender sobre nosso chamado na Igreja, a força que nos guia e a glória que devemos alcançar: “*A Igreja, como corporação, é composta por crentes individuais; e embora vista em seu caráter corporativo, ela tem um relacionamento com Cristo o qual o crente individualmente não tem – pois nenhum crente é o corpo de Cristo ou a noiva de Cristo – contudo, é nas afeições e na consciência do crente individual que as relações da Igreja com Cristo devem ser reconhecidas e produzir seu efeito.*”

Certamente assim é. Individualmente os santos são primeiro aperfeiçoados sob o Espírito Santo que lhes foi dado, e então o corpo é edificado – como vemos no capítulo 4:12. Os preceitos, que encontramos dos capítulos 4:17 a 6:9, dirigem-se a nós individualmente; mas o estado da Igreja é assumido ou contemplado aqui e ali ao longo de todo o texto.

E aqui, permitam-me dizer, quanto aos preceitos, que o próprio chamado, a graça na qual nos encontramos, pode nos guiar, sem a necessidade de preceitos. Esse pensamento é corroborado por passagens como Tito 2:11-12 e 2 Pedro 3:11, 14. Os santos em Gênesis agiam sem lei ou preceito. Seu chamado sugeria seus deveres. **“Como pois faria eu tamanha maldade”**, disse um deles, **“e pecaria contra Deus?”** A graça na qual os santos do Novo Testamento se encontram pode fazer o mesmo. Ainda assim, eles são chamados a ouvir preceitos – como aqui, nesta porção da Epístola aos Efésios. Mas os preceitos honram as doutrinas de forma notável. Eles geralmente se referem às doutrinas ou as pressupõem tacitamente; e assim, como eu poderia dizer, apresentam-se como tantas expressões da virtude *moral* que se encontra oculta na doutrina.

E mais ainda. Eles nos fazem saber que a santidade deve ter um caráter dispensacional. Não é simplesmente virtude moral, como a consciência poderia sugerir; não é justiça legal, como a lei poderia exigir; nem é o que João Batista teria prescrito. É Cristã. A santidade, ou o caráter devido, de um santo, deve proceder do chamado Cristão. Ela encontra suas fontes e sanções na verdade Cristã. Ela se mede pela Palavra que agora se dirige a nós e que delineia nosso lugar e peculiaridade dispensacional. É a santificação da *verdade*, a lavagem da água pela *Palavra* que se espera. É isso que dá caráter definido à moral que Deus aceita e que o Espírito opera. E é isso que muitas vezes é negligenciado ou ignorado, mas que, para estar na luz como Deus está na luz, deve ser levado em consideração.

Mas há ainda outro aspecto nesta epístola. Há conflito ou luta. Vemos a *caminhada* de um santo em Efésios 5, sua *luta* em Efésios 6. Sua caminhada se dá pelos caminhos tortuosos da vida, pelas circunstâncias e relações que compõem a história humana. Sua luta é contra **"as ciladas do diabo"**, ou contra **"as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais"**.

Esses espíritos malignos vêm dos lugares celestiais – e vêm com mentiras e enganos de infinita variedade. Vemos em 2 Crônicas 18 um testemunho direto disso. Ali, um espírito é visto vindo do céu com uma mentira na boca; ou com uma mentira que ele coloca na boca de um dos falsos profetas de Acabe. E essa mentira leva Acabe à batalha fatal de Ramote-Gileade.

A serpente, no princípio, entrou no jardim com mentira e, com uma de suas ciladas, arruinou o homem (Gênesis 3). Satanás, com outra cilada, tentou Davi a numerar o povo e o conduziu a um terrível dia de retribuição (1 Crônicas 21). Essa mesma característica de enganador é reconhecida em Apocalipse 12:9; 20:8. E sinais, prodígios da mentira e toda forma de engano e injustiça são mencionados como obras de Satanás em 2 Tessalonicenses 2:9-10.

Assim, temos espíritos malignos em lugares celestiais exercendo **"ciladas"** aqui em nosso meio.

Essas ciladas, essas mentiras dos **"príncipes das trevas deste século"**, podem ser inúmeras; tais como sugestões de infiéis, perversões da verdade, superstições devocionais humanas, confusão de coisas que diferem dispensacionalmente, cálculos falsos a respeito do progresso do mundo e coisas semelhantes. Quão solene é essa reflexão! Mas quão bom é sermos informados sobre essas ciladas e, assim, estarmos preparados para elas. Exemplos distintos dessas ciladas são novamente observados em 2 Coríntios 2:11; 11:3 e 2 Timóteo 2:26.

É contra essas ciladas que temos que lutar. Em outros caracteres (como quando ele é um mentiroso ou um perseguidor), podemos

ter que sucumbir ao inimigo. Pois nossa luta não é contra carne e sangue, como foi a de Josué ou Davi. Deus os enviou para tal conflito, tendo-lhes dado armaduras adequadas para enfrentar carne e sangue. Mas agora não é assim. Nenhuma peça de nossa armadura serviria para a batalha em Ai, ou para o dia do vale de Elá. Nossos inimigos não são os amorreus nem os filisteus.

É uma armadura feita sob medida para enfrentar o corruptor da verdade, aquele que não cessa de perverter os retos caminhos do Senhor (Atos 13:10). É o cinto da verdade, a couraça da justiça, as sandálias do evangelho da paz, o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do Espírito.⁷

Toda a era pela qual estamos passando é considerada como "uma guerra", com lutas ocasionais ou o **"dia mau"** e, portanto, o apóstolo nos diz: **"para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes"**.

Essas **"ciladas"**, também, podem se tornar **"dardos inflamados"**. Ou seja: essas mentiras e enganos que estão sempre presentes podem, de vez em quando, de uma forma ou de outra, ser direcionados direta e pessoalmente a nós mesmos.

E é impressionante observar o que esta única epístola nos ensina sobre esses malignos principados e potestades. Ela nos diz que eles são os *cáticos de Cristo*, os *inimigos dos santos*, com quem o santo precisa lutar, e os *príncipes das trevas deste século* (Ef 4:8; 6:11-12). Foi observado por alguém que Éfeso é apresentada de modo muito especial como tendo sido o cenário daqueles espíritos malignos que praticam suas mentiras e enganos (veja Atos 19:19).

Mas aqui eu poderia acrescentar (embora nossa epístola não o sugira) que o atual príncipe das trevas deste mundo está fadado a fazer uma jornada solene em breve. Ele será expulso do céu, onde agora se encontra, e atuará somente na Terra. Então, no tempo certo, será retirado da Terra e lançado no abismo. E, ao ser

retirado do abismo, será entregue ao lago de fogo, ou seja, à sua condenação eterna (veja Lucas 10:18; Apocalipse 12; 20).

E isso, eu ainda poderia acrescentar, é exatamente o oposto da jornada do Senhor. O Senhor subiu do sepulcro como um Conquistador. Ele havia sido a "*morte da morte e a destruição do inferno*".⁸ Ele retornou à Terra, onde permaneceu por quarenta dias, fazendo promessas e penhores referentes ao Seu futuro reino aqui. E então, ascendeu aos mais altos céus, recebendo todo o poder e enviando o Espírito Santo para habitar em Seus santos e prepará-los para Si no dia da glória suprema, quando Ele Se manifestará cumprindo ou enchendo todas as coisas – conforme descrito nesta mesma epístola.

Aqui terminamos, exceto pela conclusão, que, no entanto, possui um aspecto que devo mencionar.

O apóstolo fala de si mesmo como um "**embaixador em cadeias**". Que outro testemunho ele era, então, naquele momento, do caráter do mundo que ele tinha acabado de reconhecer como estando sob o domínio dos poderes das trevas? O embaixador de Deus foi aprisionado pelo mundo para o qual Ele o tinha enviado! Será que uma nação trata o representante de outra dessa maneira? Não é a pessoa de um embaixador sagrada?

Mas o prisioneiro do homem é o homem livre de Deus; e, no cuidado do amor atencioso, de sua prisão ele enviará mensagens de empatia, conforto e encorajamento a seus amados irmãos a centenas de quilômetros de distância, além dos mares.

Filipenses

A Epístola aos Filipenses tem um caráter pastoral muito forte. O vínculo entre a Igreja de Filípos e o apóstolo era estreito e afetuoso. Ele estivera com eles no início de sua história espiritual (Atos 16), e eles continuaram a se comunicar com ele, mesmo quando ele estava longe (cap. 4:15). Eles eram ricos nessa graça peculiar, e o apóstolo encontra regozijo em mencioná-la, mesmo tendo que adverti-los contra certos sinais de desunião que, segundo ele, estavam surgindo entre eles (cap. 4:1-3). Ele trata com esse mal de uma maneira que expressa sua confiança de que havia graça entre eles para vencer a questão, e isso confere à sua abordagem um tom profundamente terno e afetuoso. E isso certamente deve nos ensinar que, quando vemos muita graça de Cristo em algum santo companheiro, devemos dar-lhe o devido crédito por isso e administrar qualquer correção ou repreensão que considerarmos necessária à luz dessa graça.

Não há uma ordem estrita de ensino doutrinal nesta epístola, contudo, há muito de grande valor para os santos ao demonstrar as energias da vida que eles já possuíam em Cristo (cap. 1), ao apresentar-lhes o modelo perfeito dessa vida no exemplo do Senhor enquanto esteve aqui entre os homens (cap. 2), o progresso e o objetivo de alguém em quem essa vida atuava com toda a sua força e energia (cap. 3) e a descoberta em Cristo de tudo o que o coração busca em termos de paz e poder (cap. 4), em um mundo onde tudo tende a perturbar a alma.

Os santos são vistos aqui em meio a uma “**geração corrompida e perversa**”, trilhando seu caminho na companhia do Deus de toda graça, que supre todas as suas necessidades. Há adversários, e a própria morte pode pôr fim à sua jornada, mas tudo está bem. Viver é Cristo e morrer é lucro. A jornada pode ser longa ou curta, mas o fim é abençoado. A “**salvação**”, ao longo da epístola, refere-se à libertação plena e definitiva de todo o mal, com uma

entrada triunfal naquela glória na qual Cristo já entrou. A mente humilde e as afeições graciosas que caracterizam aqueles cujos olhos estão fixos no Exemplo perfeito de humilhação, entrega e submissão testemunhados no Senhor são, de maneira bela, descritos por Timóteo e Epafrodito no capítulo 2. A energia que provém da contemplação de Cristo em glória, permitindo ao santo considerar tudo o que está aqui como escória, é vista no capítulo 3.

A ressurreição que Paulo aguardava era uma ressurreição à semelhança da do próprio Senhor. Certamente, ela possuía qualidades peculiares. Era uma ressurreição *dentre* os mortos, vitoriosa sobre a morte. Ele detinha o poder dela em Si mesmo ou em virtude do que Ele era. Ele era as Primícias de uma colheita que, no devido tempo, se seguiria segundo a sua espécie. Seu povo, diferentemente d'Aquele que, por este título de Primícias, lhes garante participação em Seu triunfo, não possui em si mesmo tal virtude como Ele tem: ela lhes é conferida por infinita graça; eles participam do Seu triunfo porque "**são de Cristo**". Contudo, certamente é uma bênção saber que a ressurreição deles será *dentre* os mortos, como foi a do seu Senhor – uma ressurreição vitoriosa. Este era o objetivo do apóstolo, e para ele Paulo prosseguia. Seus olhos estavam voltados para os regozijos distantes, e por eles deixou tudo para trás, avançando em direção a eles. E celestial também é a cidadania do santo. Sua herança está lá, no lugar para o qual foi chamado quando foi alcançado pelo Senhor em glória. Sua esperança também reside ali. Ele anseia pelo Salvador, que é o Objeto do seu coração, Aquele que realizará por Sua mão aquilo para o qual, em Sua graça, vinha preparando o coração do Seu santo e servo para buscar – para ser semelhante a Ele e estar com Ele para sempre.

Colossenses

Os santos de Colossos haviam começado bem, e seu progresso era bom, mas corriam o risco de serem desviados pela entrada de doutrinas judaizantes e filosofias gentias, afastando-os do Senhor vivo e da caminhada que resulta da ocupação da alma com Ele. O apóstolo lhes revela, de forma rica e variada, a plenitude e a suficiência de Cristo, que é a correção divina para esse mal. Nesta epístola, o apóstolo afirma que o ministério especial que lhe foi confiado foi o de “**cumprir [completar – JND] a Palavra de Deus**” (cap. 1:26). “**Completar**” a revelação de Deus. A ele foi dado revelar, por meio de seu ministério, o mais elevado dos mistérios celestiais. A revelação de Deus resplandece com maior brilho à medida que as dispensações avançam. Aqui, Cristo é visto como Cabeça e Plenitude do Seu corpo, a Igreja, composta por um chamado de Judeus e gentios, para se tornarem membros de Cristo e coerdeiros da glória. Esses eram segredos íntimos de Deus desde o princípio, os mais profundos de todos os Seus conselhos de graça, mas agora são revelados. Essa consumação conferiu um caráter especial ao ministério de Paulo. Ele era ministro do evangelho e também da Igreja (cap. 1:23-25), e esta é a última e mais sublime revelação de Deus, a mais rica em todos os conselhos da Sua graça. Assim como Eva foi a última de todas as maravilhosas obras de Deus na primeira criação, a mulher aqui, o complemento do Homem (Ef 1:23), é a coroa de toda a Sua obra em graça, assim como a Noiva de Apocalipse 21 estará em glória. E essa graça multiforme, em toda a sua riqueza, agora é manifestada diante dos principados e potestades nos lugares celestiais, que ouvem em silencioso espanto a história dessa graça que este chamado da Igreja está agora relatando.

Colossenses 1. As glórias de Cristo resplandecem em toda a sua plenitude aqui. Ele é preeminent em todas as posições. Sua posição de Cabeça e Plenitude se destaca, e para isso os santos

que compõem este corpo, a Igreja, são especialmente direcionados.

Colossenses 2 fala como o poder da Cruz satisfez tudo, que o santo é como um morto e, assim, é libertado da esfera em que o pecado e a carne tinham seu domínio. Assim, eles não devem (submetendo-se a ordenanças) se tornar como homens ainda vivendo no mundo (v. 20). O “crescimento de Deus”, que é a fonte de seu sustento (v. 19), é celestial e não provém de filosofias terrenais; é espiritual, não de ordenanças carnais; e Cristo é neles a esperança da glória.

Colossenses 3 fala de um povo ressuscitado com Cristo, que é o Cabeça e o caráter de uma nova criação. Como tal, eles devem buscar as coisas do alto, e sua conduta deve estar de acordo com o chamado que receberam, o qual lhes dá o poder para trilhar esse caminho. Os preceitos deste capítulo testemunham o chamado celestial e o caráter dos santos, pois expressam a virtude moral presente que há na doutrina, de modo que a glorificam. A ousadia que deve marcar o caminho dos santos deve estar de acordo com a posição celestial; deve ser uma ousadia adequada à dispensação. Antigamente, seria contaminação para um Judeu comer com um gentio; agora, todos são um em Cristo, e o único Espírito, de Quem provém todo fruto, permeia tudo.

Colossenses 4. Tanto os relacionamentos terrenais quanto as fontes da conduta moral devem ser purificadas e governadas por essas verdades celestiais que habitam e operam nos santos. O servo presta seu serviço ao Senhor e o mestre encontra seu Modelo e Exemplo em seu **“Senhor nos céus”**. Tudo isso está em honra da doutrina da epístola e, nas mãos do Espírito, está a expressão de sua virtude moral.

1 e 2 Tessalonicenses

A primeira chegada do apóstolo a Tessalônica está registrada em Atos 17, onde, como resultado de seu ministério do evangelho, um povo se encontra reunido como Igreja, na certeza da salvação de Deus e na esperança do retorno de Seu Filho do céu (cap. 1:9). Em meio a muitas provações e perseguições, eles estavam servindo ao Deus vivo e verdadeiro, ao Qual haviam se convertido, deixando os ídolos, e a notícia da fé deles se espalhou por toda a região. Mas, tendo Paulo sido forçado a se afastar repentinamente dessa Igreja recém-fundada pela inimizade e oposição dos Judeus, ele demonstra uma preocupação especial por eles e, como um verdadeiro pastor, por eles seu coração se comove profundamente. Timóteo havia sido enviado para confortá-los quanto à sua fé (cap. 3:2) e fortalecê-los contra as ciladas do tentador que buscava alarmá-los e seduzi-los, afastando-os da verdade. Com poucos recursos e muitas provações, eles pareciam ter caído sob o domínio de duas interpretações equivocadas da verdade ensinada pelo apóstolo: uma referente aos seus irmãos que haviam adormecido e a outra referente a eles mesmos, que estavam vivos. O primeiro erro é tratado especialmente na primeira epístola, e o segundo, na segunda. O retorno de Timóteo ao apóstolo trouxe-lhe a notícia dos seus temores a respeito daqueles que haviam adormecido, de que pudesssem perder as alegrias que aguardavam os que estariam vivos, esperando a vinda do Filho do céu. Para dissipar essa ansiedade e transmitir uma revelação mais completa sobre o assunto, o apóstolo escreve para informá-los de que todos os santos, vivos ou adormecidos, participariam do triunfo daquele dia e seriam arrebatados juntos para encontrar o Senhor nos ares (cap. 4:13-18) e estar com Ele onde Ele está.

A segunda epístola foi escrita para remover outra ansiedade que havia surgido entre eles a respeito dos santos vivos, seja por um

entendimento imperfeito de sua primeira epístola, seja por sugestões falsas ou deturpações feitas por outros. Eles temiam que os santos que estivessem vivos na Terra quando o “**dia do Senhor**” estivesse “**presente**” (JND) fossem envolvidos nos juízos que, segundo a Escritura, caracterizarão aquele período. A isso, a segunda epístola responde, dizendo-lhes que o dia do Senhor não poderia vir até que o “**homem do pecado**” fosse revelado e a completa apostasia da verdade fosse manifestada (2 Tessalonicenses 2:1-10). Sendo a distinção entre a vinda do Filho de Deus nos ares com um alarido ou grande brado *por* Seu povo, para levar todos, mortos e vivos, desta família celestial para a casa do Pai, e o Seu retorno *com* eles em “**labaredas de fogo**” (2 Ts 1:8), como Filho do Homem e Ministro da justa ira de Deus sobre o mundo dos ímpios. Esses são os principais temas dessas preciosas Epístolas, que oferecem muito para fortalecer a fé e sustentar a esperança enquanto a longanimidade de Deus se prolonga e o evangelho se propaga, trazendo ao celeiro seus feixes para a colheita celestial, com solenes advertências aos santos quanto à vigilância e à conduta, enquanto o fermento da apostasia vindoura já os cerca.

As Epístolas Pastorais

As Epístolas a Timóteo e Tito, embora escritas para servos individuais de Cristo, têm um valor especial para nós nestes tempos, ao apresentarem o caráter e os princípios do verdadeiro serviço na Igreja de Deus. Pois, quaisquer que sejam as mudanças trazidas pelo tempo, o conselho do Senhor permanece para sempre, e os pensamentos do Seu coração por todas as gerações. O Espírito Santo aqui dá Seus conselhos para fortalecer aqueles que servem na casa de Deus, na qual desordens e perigos já se alastravam, mesmo naquela época remota. Aqui estão verdades para preservar aqueles cujos pés estão no caminho e para corrigir e recuperar aqueles que se desviaram dele. Há erros e males, mas o Espírito Santo, por meio do apóstolo, aqui admoesta e repreende para que Ele possa restaurar, enquanto vigia com paciência. Mas se Suas instruções e admoestações forem ignoradas, o Senhor poderá tratar com castigo, bem como com repreensão (Apocalipse 3:19), aqueles que ainda são objetos do Seu amor.

1 Timóteo. No capítulo 1, o apóstolo demonstra grande empenho em exaltar a graça de Deus. A salvação é descrita como sendo tudo isso. Ele escreve sobre Deus como Salvador e Cristo Jesus como nossa esperança. Ele sabia bem como manter as honras de cada uma das Pessoas da Trindade em seu devido lugar. Aqui, Deus Se revela como Salvador, e essa revelação de Deus está associada à bênção da criatura. A alma que recebe a Sua salvação, conforme revelada no evangelho, é bem-aventurada, mas a que a rejeita não é bem-aventurada: está “**sem Deus**” (Efésios 2:12) e será julgada como alguém que não O conhece (2 Tessalonicenses 1:9).

Nos versículos 8 a 10, o apóstolo se volta para a lei e seu uso. Ela não serve para a salvação; seu lugar não é na Igreja, mas fora dela, no mundo, cumprindo ali sua função designada. E o santo

que está dentro, olha de seu lugar de segurança para o mal e vê a lei em ação entre aqueles que são nomeados como agindo em contradição ao evangelho do Deus bendito. O apóstolo, portanto, declara que a lei é “**boa**” e realiza uma obra necessária em sua própria esfera, mas quando se volta para o evangelho, seu coração arde e seu espírito se enche de regozijo ao reconhecê-lo como “**o evangelho da glória de Deus bem-aventurado**” – ou, como está no original – “**o Deus feliz**”. É como Doador que Deus é apresentado no evangelho, e alegra o Seu coração dar, pois foi da mente e do coração de Deus que o Senhor Jesus falou quando disse: “**Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber**”.

Nos versículos 12 a 16, ele magnifica a misericórdia que o encontrou em sua culpa como um pecador ignorante e insolente – assim como em Filipenses 3, quando renunciou a toda confiança em sua própria justiça e nas vantagens carnais que havia adquirido, sendo sua salvação inteiramente pela graça e por sua justiça somente em Cristo. No versículo 17, ele vislumbra o futuro distante e parece contemplar a entrada de sua própria nação – cuja conversão a sua própria era o modelo – e, ao vê-los sendo introduzidos, seu espírito irrompe em uma bela doxologia: “**Ora, ao Rei dos séculos**” – não apenas “**Deus nosso Salvador**”, mas como Rei reinando em Seu trono legítimo. É bom para a alma seguir por um caminho tão bendito, começando com a graça e terminando na glória.

1 Timóteo 2. Tendo o caminho para dentro da casa sido tornado claro no capítulo 1, a ordem dessa casa e as ocupações daqueles que nela habitam são descritas aqui, pois é depois de entrarmos que respiramos sua atmosfera e aprendemos nossas responsabilidades para com os outros que ali estão. Primeiramente, é aceitável e condizente com “**Deus nosso Salvador**” orar por “**todos os homens**”, pois é da vontade de Deus que todos sejam salvos. E há um só Mediador – não apenas para os Judeus, mas para todos – “**entre Deus e o homem**”, cujo resgate é válido para todos. Em seguida, a mulher é apresentada como uma figura da Igreja em sua submissão a Cristo como

Senhor, aprendendo em toda submissão e se comportando de maneira adequada nessa posição.

1 Timóteo 3 descreve a natureza e a ordem de todo o serviço nesta casa de Deus, pois onde Deus habita, tudo deve ser segundo a Sua vontade, visto que nem mesmo o homem redimido é deixado livre para determinar seus próprios caminhos como adorador ou servo. Tudo é providenciado pelo Dono da casa. A boa vontade na adoração é sempre correta e aceitável a Deus, mas a obstinação Ele não tolerará (Levítico 10:1-2; 1 Coríntios 11:28-32). O último versículo deste capítulo apresenta o “**mistério da piedade**” – Deus manifestado em carne – em Sua missão na Terra para formar um elo com um povo redimido e chamado, a quem Ele pudesse conduzir após Si para a Sua glória. “**Justificados em espírito**” refere-se àquilo que pertencia somente a Cristo. Ele era pessoalmente puro e imaculado, mas nós só podemos ser justificados pelo Seu sangue (Romanos 5:9). “**Vistos pelos anjos**”. Que visão para eles contemplarem e aprenderem (1 Pedro 1:12), mas eles só podiam observar. Somos os sujeitos de Sua obra redentora, e nossos interesses estão ligados a ela e a Ele, como agora “**recebido acima na glória**”.

1 Timóteo 4-6. Aqui, são previstos graves desvios da fé em sua pureza, bem como da piedade em sua integridade e simplicidade e são feitas provisões para isso. Em alguns, isso ocorre por darem ouvidos a “**espíritos enganadores**” (cap. 4:1) que procuram corromper a verdade, e em outros, pelos ensinamentos perversos de homens de mentes corruptas, totalmente privados da verdade (cap. 6:5). Em meio a essas depravações, o santo é chamado a andar em pureza, guardando o que recebeu de Deus (a doutrina que é segundo a piedade), vivendo sem mácula e irrepreensível, tendo em vista a aparição do Senhor (cap. 6:14), que avaliará plenamente o valor de tal serviço e o recompensará de acordo.

2 Timóteo. No tempo do trabalho ativo do apóstolo, “**o mistério da injustiça [iniquidade – ARA]**” (2 Ts 2:7) e o fermento da doutrina maligna, introduzido secretamente em um período inicial (Gálatas

5:9), já se manifestavam aos seus olhos ungidos, revelando as diversas formas de corrupção que se espalhariam amplamente. É para instruir e proteger Timóteo em meio a isso que sua segunda epístola foi escrita. Ele trata especialmente das características dos “**últimos dias**” (cap. 3:1) e adverte Timóteo como se ele já estivesse vivendo neles. Isso tem um valor especial para todos que caminham em meio à corrupção agora plenamente desenvolvida e espalhada por toda a Cristandade. As palavras iniciais são muito comoventes, cheias de afeição pessoal. Timóteo era seu verdadeiro filho no evangelho. Ele também havia sido seu fiel companheiro, como um filho para um pai (Filipenses 2:19-22), e agora permanecia em pé como testemunha de Deus e da verdade em meio à corrupção abundante. O coração do apóstolo transborda de grande afeição por seu “**amado filho**”. Ele não permitiu que sua dor pessoal, nem as decepções que tinham vindo das igrejas cujo bem-estar ele trazia diariamente como cuidado em seu coração, o fizessem fechar-se em si mesmo. De modo algum. Sua afeição era tão grande e sincera como antes, e se ele não podia dedicá-la àqueles que em anos anteriores a haviam reivindicado, ele a deixaria fluir para este fiel obreiro de Deus.

Timóteo pode ter sentido a tentação de desanimar, de considerar tudo como perdido. É uma tentação comum em tempos de afrouxamento. Mas Timóteo não deve ceder a isso. Ele tem um dom de Deus e deve usá-lo, prestando todo o serviço que puder em meio às circunstâncias existentes. Ele tinha o exemplo do apóstolo e a plena expressão de sua confiança naquela fé da qual ele era despenseiro, e ele não deveria se envergonhar do testemunho do Senhor, acontecesse o que acontecesse.

Em **2 Timóteo 2** Paulo prossegue em encorajá-lo e prepará-lo para o serviço e o conflito. No capítulo 1, já lhe havia revelado o seu título à confiança no poder que o preservaria e levaria tudo à vitória final no dia do Seu poder e glória, assim como na Sua ressurreição. Ele aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção. Aqui, em 2 Timóteo 2:1, ele deve ser “**forte na graça**”

(JND) e, ao mesmo tempo, acostumar-se a “suportar as dificuldades” como um soldado em serviço, e continuar trabalhando com paciência e esperança, sem esperar ver os frutos completos até o dia da colheita, lembrando-se de que o Senhor, como a Semente de Davi, recebeu Sua recompensa na ressurreição, uma verdade que os ensinamentos de Himeneu e Fileto negavam. Pois, se “**a ressurreição era já feita**”, então a “**aparência de piedade**” poderia muito bem ser a religião de uma igreja corrupta que tivesse abraçado o mundo. Era uma época de corrupção religiosa, infidelidade e independência do homem, que abandonava todo o temor a Deus e a reverência à Sua Palavra para fazer a sua própria vontade e trilhar o seu próprio caminho. Em meio a essas condições, cabia a Timóteo “procurar” apresentar-se a Deus aprovado, como alguém “**que maneja bem a palavra da verdade**”. Ele deveria se apegar à doutrina que aprendera e fazer pleno uso das Escrituras Sagradas, que conhecia desde a infância e que foram comprovadas em sua salvação, e que eram suficientes para sustentá-lo em todo o seu serviço. Restava apenas ao apóstolo, agora no fim de sua jornada, com a coroa em vista, aguardando o martírio, proferir seus últimos conselhos com a devida solenidade e fixar sua esperança no dia vindouro da recompensa perante o servo e administrador de Deus, com um belo testemunho final da fidelidade do Senhor que o amparou até o fim.

Tito. Nesta breve Epístola, a ordem e os ministérios da casa de Deus, com as características morais próprias que convêm a todos os que a ela pertencem, são devidamente estabelecidos. Essa forma exterior procedia do Espírito Santo, cuja presença era também o seu poder. É algo feliz quando *forma* e *poder* se encontram unidos, e quando a operação interior do Espírito na Igreja lhe confere a sua forma exterior ordenada pela “**verdade que é segundo a piedade**”, como o apóstolo aqui fala. Quando essas coisas se separam, a *forma exterior* será, aos olhos de alguns, tida em honra, mas com pouco do *poder* que deveria acompanhá-la. O “**espírito... de força, de amor e de prudência**” (2

Tm 1:7 – TB) preservará disso. Contudo, as portas desta casa de Deus devem ser zelosamente guardadas, suas avenidas mantidas limpas, e sua ordem e ministérios regulados segundo a vontade d'Aquele que nela habita. Se algum dos hóspedes desta casa do Senhor agir contrariamente à lei ou à santidade da casa, eles devem ser tratados, pois tudo deve estar de acordo com a mente do Senhor da casa. Cada servo deve conhecer o seu devido serviço, de acordo com a distribuição ou dom que recebeu, e usar tudo para a edificação e auxílio dos demais membros da casa.

Hebreus

Nesta Epístola, o Espírito Santo abre os céus e nos mostra Cristo ascendido e assentado à destra do trono de Deus. É o grande testemunho da aceitação de Cristo por Deus. Ela expõe esse fato, estabelecendo-o, por assim dizer, na boca de muitas grandes e augustas testemunhas. Outros testemunhos anteriores já haviam sido dados a esse respeito: o véu rasgado no momento de Sua morte, Sua ressurreição do sepulcro e o dom do Espírito Santo, que se seguiram em seus respectivos tempos. Aqui, o Espírito Santo dá o Seu testemunho supremo de Sua aceitação no céu, em características tais que respondem às nossas necessidades. Ele as revela, uma após a outra, para mostrar a superioridade de Cristo e exibir as diversas glórias que Ele ostenta como glorificado lá.

Em Hebreus 1 e 2, o Espírito Santo desloca profetas e anjos para dar lugar a Cristo. Nos capítulos 3 e 4, Ele desloca Moisés e Josué, e nos capítulos 5 e 6, Arão. Nos capítulos 8 e 9, a antiga aliança e o antigo santuário, com seus serviços, são deixados de lado para introduzir o Seu sacrifício e seu valor permanente para o Seu povo. E, tendo-O assim introduzido, o Espírito Santo fixa o nosso olhar n'Ele para sempre, pois Ele não tem sucessor.

Em **Hebreus 1**, Ele é visto assentado à destra da Majestade nas alturas como o Purificador dos nossos pecados e como o Herdeiro de tudo, e Sua herança é vista como já firmada no poder da redenção, compartilhada por Ele com Seus coerdeiros que, como nos assegura o capítulo 2:10, estão sendo conduzidos por Ele à Sua glória, da qual participarão. Como Redentor, Ele havia tomado sobre Si os seus fardos, e agora os conduz adiante, tomando sobre Si também as suas bênçãos, tendo consideração por eles em todos os seus caminhos, até que sejam levados a participar da herança como coerdeiros Consigo mesmo, para se assentarem com Ele na soberania de todas as coisas no mundo

vindouro, como diz o capítulo 2:10. E o Seu povo já foi feito “**idôneo**” (Cl 1:12) por Ele mesmo, para participar dessa herança como seu “Santificador” (cap. 2:11). Em toda a Sua glória, eles são vistos com Ele, do princípio ao fim. Doravante, eles são vistos como coerdeiros com Ele em todo o caráter e glória que Ele possui.

Em **Hebreus 3**, Ele é apresentado como o Apóstolo que nos fala da parte de Deus, do qual Moisés era a figura (Deuteronômio 34:10). Ele se distinguia de todos os outros profetas por Deus falar com ele face a face e por ter acesso a toda a Sua casa como servo. Mas o “**Filho**” está em plena e profunda intimidade com todos os Seus conselhos e tem a mais perfeita comunhão com Ele em todas as Suas obras e caminhos, tanto celestiais quanto terrenais. Ele é o Dono de uma morada permanente, o Doador do repouso eterno e Sumo Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque. Ele está no santuário celestial para tratar dos assuntos do Seu povo para sempre, pois o Seu sacerdócio está estabelecido no poder de uma vida sem fim.

Seu sacrifício, conforme descrito **em Hebreus 9-10**, é visto como tendo valor eterno e, sendo assim, traz perfeição aos adoradores e os coloca para sempre na presença de Deus. Em **Hebreus 12**, Ele é recebido e assentado no céu como Autor e Consumador da fé. Dessa forma, um após o outro é suplantado por Cristo, e tendo-O apresentado, o Espírito encerra Sua deleitosa tarefa, deixando-O diante de nós, fixando nosso olhar n'Ele como Aquele que permanecerá diante de nossa alma para sempre: “**Jesus Cristo, é o Mesmo ontem, e hoje e eternamente**”.

J. G. Bellett

Notas

[←1]

Como prova disso, o nome judaico de nosso apóstolo, "Saulo", foi transformado na forma gentia, "Paulo". Isso foi obra do Espírito Santo, que queria que se soubesse, mesmo que parecesse insignificante, que a distinção entre Judeus e gentios seria perdida durante aquela dispensação, cujo testemunho agora estava sendo divulgado. Assim como antes em Antioquia (veja capítulo 11:26), quando a Igreja se tornou gentia, ou mista, tendo sido retirada de seu caráter Judaico estrito, os discípulos foram chamados pela primeira vez de "Cristãos"; o Espírito Santo, ao tornar isso conhecido, indicava que um corpo estava agora se preparando para Cristo, que seria ungido n'Ele, com Ele e por meio d'Ele.

[←2]

Em Pedro, encontramos muitas alusões a circunstâncias Judaicas. E o Espírito naquele que era o apóstolo da circuncisão naturalmente teria sugerido isso. Mas mencionarei apenas um exemplo (veja 1 Pe 2:9-10). O último versículo tem em mente Oséias 2:23. Mas a diferente conexão em que a verdade ali declarada se apresenta na mente do profeta e na mente do apóstolo é muito notável.

Israel será feito o povo de Deus nos últimos dias, como nos ensina o profeta; mas ele também nos ensina que, quando isso acontecer, Israel será semeado para Deus na Terra, isto é, Deus abençoará Israel com bênçãos terrenais. Mas os gentios já foram feitos o povo de Deus, como nos ensina o Apóstolo; e ele também nos ensina que não há tal bênção para eles; pelo contrário, devem se considerar estrangeiros e peregrinos na Terra. Quão impressionantemente o Espírito, nestes dois testemunhos, contrasta o chamado e a bênção de Israel com o chamado e a bênção da Igreja, mostrando-nos que a Igreja não tem lugar na Terra, mas que, sendo estrangeira ali, deve buscar uma pátria celestial, uma cidadania no céu. Mas assim que Israel for novamente reconhecido pelo Senhor, o Senhor ouvirá os céus, e os céus a Terra, e a Terra o trigo, e o vinho, e o azeite, e eles ouvirão Jezreel (Os 2:21-23 – ARA; 1 Pe 2:10).

[←3]

A “**glória**” e “**honra**” que constituem a coroa atual de nosso Senhor foram simbolizadas pelas vestes de Arão, que lhe foram destinadas para “**glória e ornamento**” (Êxodo 28:2). E as mesmas palavras são usadas na Septuaginta para “**glória e beleza**”, como nossos tradutores traduziram como “**glória e honra**” em Hebreus 2:7; de modo que a coroa atual do Senhor é uma coroa ou uma mitra de sacerdote, e não a de rei. Ele ainda não colocou Sua coroa real.

[←4]

Ezequiel tinha sido arrebatado para Jerusalém e outros lugares, como profeta de Israel, para que, em visões de Deus, pudesse entender e declarar os conselhos divinos. Da mesma forma, João foi levado a diversos lugares, como profeta da Igreja, para que pudesse testemunhar, da mesma maneira, os propósitos divinos. Mas esses foram apenas arrebatamentos no Espírito. Filipe havia sido de fato, e não meramente em espírito, arrebatado para Azoto, vindo do deserto de Gaza, para que, como evangelista, pudesse exercer seu ministério entre os homens. Assim também Paulo foi arrebatado para o paraíso, mas não como profeta, nem como evangelista, nem como apóstolo, mas como “**um homem em Cristo**”, para que todos “**em Cristo**” pudessem conhecer a sua porção na bênção e honra que os aguarda após esta vida, e que era tão grande que o nosso apóstolo, ao retornar à carne e à Terra, corria o risco de ser exaltado por ela acima de qualquer medida.

[←5]

Essas características do ministério de Paulo mostram como a carne, com todas as suas vantagens, é agora excluída da ideia divina de ministério.

[←6]

Assim como todos sabemos por inúmeros casos, os propósitos dispensacionais de Deus são gradualmente revelados com maior perfeição, e as exigências santas do Espírito tornam-se cada vez mais fervorosas e intensas. Veja um exemplo disso no Salmo 8 e em 1 Coríntios 15.

[←7]

Satanás é um acusador dos irmãos no céu (Jó 1; Apocalipse 12). Na Terra, ele é um acusador de Deus (Gênesis 2) e um perseguidor dos santos (Jó 2; Apocalipse 12). Mas o apóstolo aqui fala apenas de suas ciladas ou enganos.

[←8]

N. do T.: Uma linha do hino “*Guide me, O Thou great Redeemer*”
(Guia-me Tu, ó grande Redentor).